

ALDAIR OLIVEIRA DE ANDRADE

Práticas Afetivas Femininas em Nossa Senhora do Desterro no Século XIX



Práticas Afetivas Femininas em Nossa Senhora do Desterro no Século XIX

Antônio Emilio Morga
Manaus - 2017



Ficha Catalográfica elaborada por Suely O. Moraes - CRB 11/365

M847p Morga, Antônio Emílio

Práticas afetivas femininas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX /
Antônio Emilio Morga. – Manaus: EDUA, 2017.

81 p. ; 21 cm

ISBN 978-85-7401-XXX-X

1. História social. 2. Movimento feminista. I. Título.

CDU 930.85

AO LEITOR, UM AVISO

Aos leitores um alerta se faz necessário. Algumas modificações foram feitas na dissertação. Porém nada que altere a formatação original. As modificações realizadas por força da formatação em livro levou em conta a necessidade de deixar fluir o texto. Dado o recado, espero que seja uma boa leitura pela sociedade de Nossa Senhora do Desterro do século XIX. Onde das suas entranhas borbulham suas contradições e afirmações. Entrem... Sejam bem vindos pelas esquinas, ruas, ruelas, gabinetes oficiais, vida familiar e bodegas.

Dissertação de mestrado/Bolsa/CAPES, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo/USP, 1994.

AGRADECIMENTO

Neste espaço, gostaria primeiramente de deixar consignado o meu carinho e a minha gratidão à Prof. Dra. Eni de Mesquita Samara que acreditou desde o primeiro instante na pesquisa e que orientou com seu arguto senso crítico este estudo e me transmitiu constantemente, através de suas sólidas intervenções metodológicas, a segurança necessária que me possibilitou concluí-lo.

Também quero deixar registrada a solicitude a mim dispensada pelos funcionários da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, especialmente aqueles que trabalhavam na Sessão de Periódicos e que sempre me atenderam com dedicação e boa vontade.

Não poderia de deixar de registrar que sem o auxílio da bolsa de estudo fornecida pelo programa demanda social - CAPES, esta pesquisa jamais teria sido realizada.

PREFÁCIO

A mulher de Desterro entre relatos de viajantes e dispositivos de regulação

Na ilha de Santa Catarina, as práticas afetivas femininas estariam sob o manto de Nossa Senhora do Desterro. Mas, abaixo, estendiam-se belas praias, montanhas e matas iluminadas pelo sol forte que, para encantar mais ainda este pedacinho de terra banhado pelo mar, bronzeava os ombros descobertos de mulheres, descritas por marinheiros viajantes, como sedutoras. A construção de hábitos sociais – neste pedacinho de terra no Brasil Império – não podia, evidentemente, se desprender totalmente das riquezas naturais, o que se tornaria um desafio à assepsia moderna de renegar o natural. Difícil não supor neste cenário, que as práticas afetivas femininas não se tornariam um duelo entre o sagrado e o profano, ou entre a ciência e desconhecimento. No centro do debate, o corpo das mulheres, suas indumentárias, seus gestos, a circulação nos espaços públicos etc. passavam a ser submetidos a dispositivos sociais de regulação, num gesto de modernização, não somente das condições materiais, mas, também, da alma, sob a insígnia do que hoje preferimos chamar de produção de uma dada subjetividade.

Nesta obra, Antônio Emilio Morga constrói uma narrativa fluida pelos relatos de viajantes nos séculos XVIII e XIX na ilha de Santa Catarina, lugar estratégico para o ancoradouro de navios. Relatos de viajantes de diversas partes do mundo compõem parte da cartografia das relações sociais trazidas à superfície, no qual pode-se sentir claramente, o modo como as fontes são trabalhadas, o destaque para a vida pulsando e, também, sendo combatida na frieza de dispositivos higienistas pautados, sobretudo, no discurso da medicina. Momento em que os discursos científicos e religiosos davam as mãos para regular o comportamento alheio.

Como nos conta Morga, “[...] no dizer dos viajantes, as mulheres eram belas e cordiais com os estrangeiros, adoravam conversas sobre amor e

recebiam de ‘bom grado’ os presentes que lhes ofereciam [...]”. Neste período, as mulheres frequentavam igrejas e procissões, o que agradava aos defensores de “boas práticas”, mas bagunçavam o coreto da moral e dos bons costumes ao serem vistas em bailes, lojas, praças e reuniões sociais.

Considerando o período histórico, as práticas afetivas femininas destoavam de outros lugares do país, relação que aparece já nos relatos e que Morga não deixa passar. Observe! Nesta ilha ensolarada “a roupa era mais rudimentar possível – e a pior também. Usavam os homens, apenas, ceroulas compridas e camisa; as mulheres, um camisolão corrido, o chalé a cobrir-lhes o tronco, deixando, muitas vezes, mais encobertos os seios”. Pelo visto, os relatos de viajantes contribuíram para a construção discursiva da mulher sedutora da Ilha de Santa Catarina, objetivo do primeiro capítulo deste livro: *A mulher sedutora nos relatos dos viajantes estrangeiros*.

Mas o que se poderia esperar de uma burguesia que se formava na ilha preocupada com hábitos “saudáveis” tanto para os corpos quanto para o espírito? Após o desenvolvimento da ocupação da ilha com chegada dos imigrantes açorianos, como descreve Morga, as autoridades da cidade começam a delinear uma cartografia urbana, no qual podemos acentuando como centro das preocupações a falta de higiene. Este, talvez, seja o significativo (higiene) principal no segundo capítulo – *O médio, a cidade e a mulher*.

A limpeza da cidade não estava desconexa da limpeza dos corpos e da purificação dos hábitos. Diante de uma cidade que aspirava se modernizar, o saber médico – higienista – era o caminho científico para respaldar a imposição de novas práticas. Tudo girava em torno de uma demonização na falta de higiene para justificar as mudanças. Morga é preciso:

A cidade de Nossa Senhora do Desterro, do século XIX, era descrita como uma cidade emprestada e de imundices acumuladas. Falava-se dos odores das águas estagnadas, do fedor da podridão dos detritos como lugar onde reinava os miasmas.

Essa descrição já demonstrava o poder que o discurso médico exercia para o processo de higienização do espaço urbano.

Ao passo que o discurso médico se ocupava com a higiene, o espaço urbano passava por mudanças com o crescimento do comércio e a expansão da elite desterrense, levando as “mazelas” sociais, ou seja, os despossuídos da cidade para outras localidades. A higiene e sua falta demarcava também a elite e os despossuídos. Entre os relatos que Morga seleciona, o de Ribeiro de Ameiga classifica, por exemplo, as prostitutas como as de “mais baixa classe”. A métrica para classificar o espaço social e moral passa pela higiene.

A imprensa passa também a ter uma função estratégica neste projeto higienista. Passou a ser o meio pelo qual se exercia a “vigilância, correção e o controle sobre fazeres ao cotidiano da população”. Os jornais da época compõem uma importante fonte para Morga discorrer sobre este campo imaterial do discurso que se afetava nas práticas. Assim, podemos entender o discurso no sentido que Foucault (1986, p. 56) atribui, não de uma relação de significação entre palavras e coisas, mas enquanto “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Ou seja, o discurso higienista da medicina dá visibilidade a um padrão de normalidade e saúde (o objeto do discurso) e passa a atravessar outros campos da sociedade, como o da imprensa, constituindo uma prática discursiva que, sistematicamente, se insere nos atos, nas práticas sociais, no modo que os sujeitos vão lidar com a higiene do espaço e dos corpos, produzindo determinada subjetividade, naturalizando o que foi resultado de uma relação de poder que está a serviço de interesses específicos.

Nesse projeto higienista, os discursos criam um novo campo de visibilidade para a mulher, “[...] onde recai sobre ela toda ordem de suspeita no espaço público”. Temos já dadas as pistas de que as práticas médico-higienistas vão delimitar também as condutas femininas. Passa-se a regular a sexualidade, o comportamento dos que se amam, o perfil da esposa e o modelo de mãe.

Dividido em três partes, os caminhos desta obra passam da construção da mulher sedutora na ilha para a mulher regulada pelo discurso higienista, até chegar na parte final: *A mulher na literatura*. Seu ponto de partida é a criação do Gabinete de Leitura, o que se tornaria numa biblioteca pública. No Século XIX se viu formar um ambiente cultural na Desterro formada por escritores,

jornalistas, artistas plásticos e músicos. A amarração deste livro se fecha. De uma ilha dada às práticas “duvidosas” à construção de hábitos saudáveis no momento em que se consolidava uma elite que encontra no discurso científico meio para construir sua distinção social e imposição de novos códigos sociais. A efetivação desses códigos encontra força na difusão da literatura romântica e nas peças teatrais que difundiam uma espécie de “[...] pedagogia do comportamento [e] atendiam aos interesses da burguesia ascendente no Brasil”.

A literatura, a música e o teatro funcionam como meio de recodificar as práticas de sociabilidade da população. Nesse novo cenário, a mulher passou a ser “símbolo da castidade e da pureza, torna-se o ideal a ser perseguido”. Estavam dadas aí, as linhas subjetivas dos dramas na literatura: a dualidade entre a mulher sedutora – tema do primeiro capítulo – e a angelical que, na versão científica, é a mulher asséptica, limpa, que sabe qual seu lugar na sociedade.

Raquel A. S. Venera

Prof^a. do Programa de Pós-Graduação
Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille

José Isaías Venera

Prof. da Univali e Univille

Sumario

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: A mulher sedutora nos relatos dos viajantes estrangeiros

CAPÍTULO II médico, a cidade e a mulher

CAPÍTULO III: A mulher na literatura desterrense no século XIX

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.

Walter Benjamin

A historiografia de Santa Catarina, nos últimos dez anos, tem encontrado um campo fértil na História Social, preocupada com a análise e a percepção de processos históricos antes escondidos nas entrelinhas documentais e considerados por alguns pesquisadores como de menor importância para o entendimento da natureza das sociedades e, em particular, com o cotidiano da população da Ilha de Santa Catarina.

A diversificação temática e a mudança de métodos de abordagens possibilitaram que uma geração de pesquisadores em história enriquecesse o quadro conceitual da historiografia catarinense. Neste sentido, os marginalizados, a mulher, as festas, o cotidiano e a família ganham visibilidade nas novas interpretações metodológicas.

O presente trabalho segue por essa trilha e tem por objetivo trazer à superfície a imagem da mulher sedutora de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, por tratar-se de um local privilegiado para observarmos essa questão.

A cidade de Desterro – que em 1894 passou a denominar-se Florianópolis –, no decorrer do século XIX, sediou funções militares, administrativas, portuárias e comerciais.

A colonização desta região, matizada pela imigração dos casais açorianos, proporcionou um maior equilíbrio entre a quantidade de mulheres brancas em relação à população masculina do que em outras áreas do Brasil Colonial. Algumas investigações históricas têm buscado evidenciar correlações entre a formação histórica dessa região e os costumes dos seus habitantes; interessamos, em particular, verificar como foi construída uma imagem da mulher de Nossa Senhora do Desterro, marcada pela ênfase no seu desembaraço nas práticas afetivas.

Na perspectiva de relacionar o cotidiano dos sujeitos com as transformações das formas de falar sobre o assunto e recuperar o percurso dos procedimentos sobre as pluralidades de dizeres diante das práticas afetivas femininas, trabalhamos as fontes com olhar de jardineiro que prepara a terra para sementeira e que, por pequeno descuido, pode ser fígado pelas paixões que exalam da documentação perscrutada.

Atento a esta provocação, entre o profano e o sagrado, no lugar dos objetos buscamos encontrar a pluralidade das relações e retomar as relações pontuais, o que no decorrer das investigações possibilitou para nós o surgimento de determinados objetos e permitiu reconstruir a trama dos dizeres sobre os objetos.

Para escavar estes objetos e trazer à luz-matinal, fez-se necessário todo um aprendizado sobre como perceber as falas sobre a cidade, as mulheres e suas práticas de sociabilidade.

Para este aprendizado, buscamos os trabalhos que estudaram a condição feminina no século XIX. E, entre estes, as pesquisas de Eni de Mesquita Samara que traça o perfil da família paulista, as relações de poder e estratégias das mulheres dentro deste campo de tensões e Maria Odila Silva Dias que traz à tona o cotidiano das mulheres pobres buscando o entendimento da formação da sociedade paulistana daquele período. Magali Engel, por sua vez, nos traz à superfície o mundo do saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro. E, por fim, Lana Lage da Gama Lima, no seu ensaio "A boa esposa e a mulher entendida", se volta para a condição feminina no século XVIII.¹

Diante deste quadro referencial e da ausência momentânea da historiografia catarinense sobre o mundo feminino de Nossa Senhora do

Desterro, brota o desejo primeiro para a realização desta pesquisa.

A partir do século XVIII ocorreu, em diversos países da Europa, uma grande difusão estética de sociabilidade, simultaneamente à remodelação do espaço urbano. Nesta transição, que se insinuou pelo reordenamento das vidas dos sujeitos e do espaço urbano impostas pelo capitalismo internacional no transcurso do século XIX, as reformas urbanas e sociais foram alguns dos aspectos que mais fortemente caracterizaram as mudanças operadas neste período. Inserida neste contexto, a Ilha de Santa Catarina, através de sua incipiente elite, tratou de adequar-se aos novos ventos da modernidade. Verificamos que, neste período, a introdução e a circulação de uma diversificada série de imagens e discursos possibilitou todo um campo variado de reformas sociais, administrativas, sanitárias e urbanísticas, demonstrando que Nossa Senhora do Desterro não ficou imune às mudanças estruturais ocorridas em várias regiões do Brasil no decorrer do século XIX.

A partir daí, como evidenciou-se ao longo da pesquisa, a população da ilha travou intensa resistência ao processo de modernização preconizada pela incipiente elite desterrense. As estratégias de remodelação das formas de sociabilidade e do espaço urbano transpareceram de forma sutil no cotidiano dos habitantes de Desterro.

Um dos elementos que se revelaram estratégicos nesta tentativa de normatizar os comportamentos afetivos dos sujeitos foram as políticas de saneamento produzidas neste período na Ilha. Através delas ativaram-se valores e os axiomas de sociabilidade difundidos pelo cientificismo médico-higienista que no seu saber sobre o urbano e sobre os sujeitos corrigia antigos hábitos coloniais de sociabilidades.²

Um dos fatores subjacentes a esta problematização que esteve na base de um considerável número de transformações que se operaram na época foi sobre a visibilidade da mulher.

Neste estudo, tentamos analisar, sem a pretensão de esgotar o assunto, como se articularam algumas falas sobre as práticas afetivas femininas.

Na primeira parte, interessa-nos investigar os relatos de viagens que os viajantes estrangeiros fizeram a respeito do comportamento da população

feminina da Ilha de Santa Catarina no decorrer do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Rastreando os seus registros como fonte de investigação, num primeiro momento, tentaremos verificar como o olhar masculino lia e construía as condutas afetivas das mulheres de Desterro.

Na parte II, pretendemos demonstrar, através do discurso médico-higienista, as práticas discursivas masculinas que vão normatizar as práticas afetivas das mulheres de Nossa Senhora do Desterro, a partir da segunda metade do século XIX.

E por fim, na parte III, analisamos as intervenções literárias produzidas em Nossa Senhora do Desterro sobre o comportamento afetivo feminino no decorrer do século XIX.

Na pesquisa procedida para a confecção deste trabalho utilizamos o acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina, a Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, o Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e o Arquivo Público de Santa Catarina.

As fontes diretamente ligadas ao nosso tema encontram-se localizadas principalmente na Biblioteca Pública de Santa Catarina e na Biblioteca da Universidade de Santa Catarina no Setor de Obras Raras. Na primeira, pesquisamos os jornais: O Correio Oficial, O Argos, O Despertador, Correio Catharinense, O Conservador, O Botafogo, O Cruzeiro do Sul, O Chaveco, O Catharinense, O Mosquito, O Novo Íris, O Santel. Todos os periódicos acima citados são dos anos de 1850 a 1888. Muitos desses jornais tiveram existência efêmera.

Na segunda, fichamos "Ilha de Santa Catarina: relatos de Viajantes Estrangeiros nos séculos XVIII e XIX" e "Ensaio sobre a salubridade, estatística e Pathologia da Ilha de Santa Catarina" e em particular da cidade de Nossa Senhora do Desterro e alguns aspectos da produção literária coeva.

Para trabalhar com a documentação escolhida, é preciso ter em conta os seus limites pois provêm de determinados setores sociais e atendem a certas intervenções sobre os comportamentos. Reconstituindo as condições em que as falas sobre as mulheres de Desterro foram enunciadas, podemos reinserir tais falas no contexto social da época e buscar recuperar, no âmbito destas relações, as estratégias afetivas das mulheres.

Os capítulos deste trabalho são pontos nodais. Apesar da aparente independência entre si, possuem um fio condutor que os une. Isto só foi possível, em parte, pela documentação e a maneira como ela foi lida e se teceram os nós da rede dos objetos revelados pelas escavações realizadas nas fontes. Talvez, Enzensberger tenha seus motivos ao falar que

[...], o recontador não é imparcial: ele intervém na narração. Sua primeira intervenção se dá no fato de escolher esta, e não outra história. O interesse revelado nessa busca não tem a completude como fim. O recontador deixa de lado, traduz, faz recortes, monta e transpõe sua própria ficção ao conjunto de ficções encontradas, e isso com plena consciência e talvez não sem algum contragosto.³

Feitas todas estas ponderações, esperamos ter provocado no leitor o desejo e a vontade de passear conosco no mundo que as falas masculinas construíram sobre a visibilidade feminina na Ilha de Santa Catarina.

CAPÍTULO I: A mulher sedutora nos relatos dos viajantes estrangeiros

A Ilha de Santa Catarina era um ponto estratégico de reabastecimento dos navios nacionais e estrangeiros que nela aportavam em busca de víveres necessários à existência das suas tripulações. O fato de os preços praticados nesta região serem inferiores aos preços de outros portos, e as qualidades portuárias da Ilha, foram fatores que contribuíram para que Desterro recebesse no decorrer dos séculos XVIII e XIX a visita dos viajantes estrangeiros.

Identificamos algumas características nas falas dos viajantes estrangeiros que tivemos a oportunidade de analisar e temas que decorreram de suas observações das práticas afetivas no cotidiano das mulheres de Desterro. Entre estes temas destacamos alguns pontos que contribuíram para que os viajantes elaborassem um conjunto de imagens da mulher sedutora em Nossa Senhora do Desterro.

No dizer dos viajantes, as mulheres da Ilha eram belas e cordiais com os estrangeiros, adoravam conversar sobre o amor e recebiam de "bom agrado" os presentes que lhes eram oferecidos. Tinham predileção pela música, dança e pelas intrigas amorosas que corriam soltas. Além disso, vestiam-se com mais elegância e bom gosto do que as mulheres de outras regiões do Brasil. Adoravam passeios clandestinos, mas, quando em apuros, sacrificavam seus amantes para defender sua honra. Observamos que estes temas são características que permeiam as falas dos viajantes ao registrarem as práticas afetivas das mulheres de Desterro no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

Na Ilha de Santa Catarina as mulheres eram frequentemente vistas circulando no espaço público: igrejas, bailes, procissões, lojas, praças e reuniões sociais diversas, locais que ofereciam aos viajantes um amplo campo

de leituras possíveis. É provável que o relativo nivelamento social da população da Ilha no século XVIII e a cartografia de uma elite incipiente na primeira metade do século XIX, diluíssem as desigualdades sociais, para a percepção dos viajantes, pois o contraponto mais recorrente que encontramos nos relatos de viagens relaciona-se ao contraste entre os hábitos e os costumes da mulher urbana e da mulher rural da Ilha e do litoral continental. Não encontramos nos relatos de viagens estudados, referência a um território específico onde pudéssemos identificar a circulação exclusiva de mulheres pobres. Estes territórios onde circulavam as mulheres pobres só serão mencionados na segunda metade do século XIX, em estudo feito pelo médico João Ribeiro de Almeida em 1863, identificando bairros pobres e ligando a atividade econômica das mulheres com a prostituição.⁴

O naturalista Georg Heinrich von Langsdorff que esteve na Ilha de Santa Catarina entre 1803 e fevereiro de 1804, registrou a sociabilidade e a elegância das mulheres. As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se afirmarem como beldades.

Na maioria são de estatura média, bem constituídas, de cor castanha ('basané') se bem que algumas são muito claras, têm fortes cabelos pretos e olhos escuros e sensuais; [...]. Presentes europeus, mesmo os mais insignificantes, como fitas, brincos, etc., são gratamente recebidos.⁵

Langsdorff ao comentar a beleza feminina na Ilha, faz insinuações quanto ao gosto das mulheres pelos adornos. Em nenhum momento questiona outras possibilidades como, por exemplo, a carestia do comércio local testemunhado pelo próprio viajante, o que explicaria, em parte, o interesse das mulheres pelos adornos oferecidos pelos viajantes. Pelo contrário, induz seus leitores a pensar que as mulheres se deixavam levar pela "delicadeza" dos viajantes ao oferecerem presentes que segundo ele eram "insignificantes".

Oswaldo Rodrigues Cabral, ao comentar os primórdios do século XVIII, fala das dificuldades materiais encontradas pelos primeiros povoadores, sendo uma delas era a precariedade do comércio. Por não haver quase nada a comprar no comércio, o dinheiro tornava-se desnecessário, pois as trocas de mercadorias entre os ilhéus e as embarcações nacionais e internacionais que

nela aportavam tornaram-se transações comerciais frequentes entre a população e os viajantes. A carência de um comércio que atendesse às necessidades imediatas da população era atenuada por este sistema comercial.

Como parte das dificuldades encontradas pela população dentro dessa precariedade do comércio, encontrava-se o acesso ao vestuário. Desta forma, a roupa era a mais rudimentar possível - e a pior também. Usavam os homens apenas ceroulas compridas e camisas e as mulheres vestiam um camisolão corrido, o chale a cobrir-lhes o tronco, deixando, muitas vezes, mal encobertos os seios.⁶ Alguns viajantes que visitaram a Ilha são unânimes ao afirmar que a Vila de Nossa Senhora do Desterro sentia profundamente a carência de roupas de vestir e que os moradores davam preferência à troca de mercadorias nativas - peixe, farinha, madeira, frutas, entre outros - com os estrangeiros por roupas.

No final do século já havia um comércio razoável na Vila do Desterro. As mulheres encontravam nas lojas e armazéns alguns itens referentes ao seu viver cotidiano. Podia-se encontrar em alguns estabelecimentos: luvas, sombrinhas, lenço, seda, fitas, pulseiras, anéis, água de cheiro, botas, leque, camisa de cambraia e seda, chale, entre outros.

Langsdorff, ao afirmar que as mulheres da Ilha de Santa Catarina adoravam receber presentes "insignificantes", estava falando de qual mulher? Ou estaria o viajante construindo, através do seu imaginário, a mulher sedutora que seu olhar europeu identificava nas práticas sociais das mulheres em Desterro do século XIX?

O gosto pelos adornos e a vida em sociedade cultivada pelas mulheres da Ilha mereceu, na segunda metade do século XIX, um questionamento por parte de um pregador: “[...] o predicante do Rosário afirmou, em termos absolutos, que - as joias, sedas e custosos adornos, com que as mulheres se apresentam, são obtidos à custa de sua honra”.⁷ A nota publicada em 1868, no periódico "O Despertador", dirigia-se a um público interno e que dialogava com os hábitos da comunidade em que estava inserido. Neste caso, a narração das práticas afetivas femininas não se distanciava da existência do narrador nem dos personagens constituídos pelos discursos, tinham como objetivo intervir nos costumes das mulheres da Ilha.

O primeiro relato que temos em mãos a falar da sociabilidade feminina em Desterro no século XVIII foi registrado pelo abade beneditino Antoine Joseph Pernetty, que participou da expedição do célebre navegador francês Louis Antoine de Bougainville que tinha intenção de fundar uma colônia francesa nas Ilhas Falkland (Malvinas). Dom Pernetty chegou à Vila de Nossa Senhora do Desterro em 29 de novembro de 1763 e constatou que os habitantes da Ilha (homens e mulheres) viviam na ociosidade e que o pouco trabalho existente era feito por escravos. Sobre as mulheres, o viajante registrou que “[...] as portuguesas estabelecidas ou nascidas na Ilha de Santa Catarina e nas costas da terra firme que percorremos, são muito brancas de pele, apesar do calor do clima. Elas possuem, em geral, olhos grandes e bem puxados, mas de rosto pouco embelezado”.⁸ Paulo José Miguel de Brito que esteve na Ilha em setembro de 1797, também ficou admirado dos modos sociáveis das mulheres. Ao comparar as mulheres da Ilha com as de outras regiões do Brasil, pondera que não encontrou nas mulheres de outras paragens a "polidez, urbanidade e boas maneiras" que tinha percebido nas mulheres da Ilha de Santa Catarina:

As mulheres são em geral agradáveis em suas maneiras; observam cuidadosamente os seus deveres domésticos; são prendadas, industriosas, e fecundas: as mais nobres, ou as mais polidas e civilizadas são dotadas de muita urbanidade, de maneiras dóceis, e meigas; são inclinadas aos divertimentos; sabem cantar, tocar alguns instrumentos de cordas, dançar, e não se observa nela aquela bisonhice, que se encontra nas mulheres de outras Capitâneas do Brasil.⁹

O naturalista Auguste de Saint-Hilaire em sua viagem pela província de Santa Catarina, em 1820, avaliza o registro que Miguel de Brito fez sobre a cordialidade e sociabilidade da população feminina e confirma o que um abade beneditino, em 1763, registrou sobre a beleza feminina.

As mulheres são muito claras; de um modo geral têm olhos bonitos, os cabelos negros e muitas vezes uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos. Já descrevi os modos canhestros das mulheres do interior, que ao saírem às ruas caminham com passos lentos umas atrás das outras, sem virarem a cabeça

nem para um lado nem para o outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece o mesmo com as de Santa Catarina.¹⁰

Fato que, segundo ele, as diferenciava das mulheres de outras regiões do Brasil. Tendo constatado o desembaraço das mulheres da Ilha, ao compará-las às mulheres de Minas Gerais, Saint-Hilaire formula juízo ético diante das práticas sociais das mulheres de Desterro:

Elas não demonstram o menor embaraço, e às vezes chegam mesmo a ter um certo encanto; frequentam as lojas tão raramente quanto as mulheres de Minas (1820), mas quando andam pelas ruas em grupos, colocam-se geralmente ao lado umas das outras; não receiam dar o braço aos homens e muitas vezes chegam a fazer passeios pelo campo. Para sair elas não se envolvem num manto negro ou numa capa grossa, se vestem com mais decência e bom-gosto do que as mulheres do interior.¹¹

Seu arguto senso de observação perscrutou o comportamento dos Ilhéus durante cerimônia matrimonial acontecida num domingo ao entardecer na residência dos pais da noiva, filha do coronel de engenharia Antônio José Rodrigues, a quem Saint-Hilaire conheceu na cidade do Rio de Janeiro. Este acontecimento social desterrense chamou-lhe a atenção, pois não esperava que "num país católico, tivesse sido escolhido um domingo para a realização do casamento". Conta que após a cerimônia matrimonial, os convivas participaram de um baile no qual as mulheres que se encontravam presentes chamaram a atenção do viajante por estarem bem vestidas e por não demonstrarem o menor "embaraço" quando os homens lhes dirigiam a palavra.

Celebrado o casamento, o altar foi imediatamente retirado e a sala encheu-se de gente. Todos se puseram a dançar, sendo a festa assistida pelo oficiante e por outros eclesiásticos. Havia muitos homens presentes, entre oficiais e funcionários públicos, e umas quinze mulheres. Todas estavam muito bem vestidas e dançavam muito bem, não se mostrando constrangidas ou desajeitadas como as mulheres de Minas. De um modo geral os homens não as assediavam, mas quando eles lhes dirigiam a palavra elas respondiam amavelmente e sem embaraço.¹²

Na virgindade matinal da primavera de 1807, John Mawe abaixa âncora no Desterro. O relevo da Ilha com seus verdes, flora, flores e morros chamaram

atenção do coevo viajante. Nesta visão afrodisíaca, suas observações sobre a sociabilidade da população acompanham o testemunho dos viajantes estrangeiros que nela estiveram. Mawe não viu um povo entregue à ociosidade como constatou Pernetty, pelo contrário, encontrou artífices de todas as categorias: "alfaiates, sapateiros, funileiros, marceneiros e ferreiros". Sobre os modos de vida da população registra que são urbanos e educados. As mulheres são bonitas, cordiais com os estrangeiros, gostam de conversar e possuem como uma das labutas diárias fazer renda de bilro com habilidade e bom gosto. Entretanto, o seu testemunho se contradiz com o testemunho de Saint-Hilaire quando ambos discorrem sobre a visibilidade feminina na província de São Paulo. Enquanto o naturalista afirma que não teve contato com o sexo feminino paulistano, Mawe observa que "[...] as mulheres participavam de todas as festas públicas que em geral se terminavam com reuniões onde se jogava baralho ou se dançava".¹³

A visibilidade feminina testemunhada pelos viajantes, na Ilha de Santa Catarina, nos leva a uma mulher sedutora. Contudo, devemos ficar atentos para a construção da mulher neste período, pois uma das características mais marcantes destes séculos foi a veiculação de uma série de manuais de diversas procedências, orientando as práticas de sociabilidade. Neste sentido, proliferavam os livros de boas maneiras com o intuito de conciliar a arte da sedução com as regras de etiqueta, que tinham como objetivo ensinar uma série de técnicas para orientar os contatos entre os sexos:

[...] ensinando as mulheres como se portar diante dos homens, como aceitar a corte, aconselhando que as relações 'fossem estabelecidas com excessiva cautela', que as cabeças não se chegassem muito perto lendo o mesmo livro, que as moças 'não aceitassem sem necessidade o auxílio para se cobrir com a capa, o xale, calçar as galochas', etc.¹⁴

O discurso moralista da época construía discursos referentes às virtudes necessárias na mulher que se pretendia tomar como esposa. No século XVIII, Francisco Joaquim de Souza Nunes, escrevia: "[...] seja, pois a mulher que se procura para esposa formosa ou feia, nobre ou mecânica, rica ou pobre; porém, não deixe de ser virtuosa, honesta, honrada e discreta".¹⁵ Robert de Blois recomenda às donzelas:

[...] conduzir-se bem no mundo. Damas devem saber falar com graça quando estão em sociedade, mas não tagarelar demais, pois passarão por

pedantes e fúteis, enquanto as silenciosas serão tidas por tolas. Diante dos homens, espera-se que sejam ao mesmo tempo afáveis e reservadas: nada de muita amabilidade, se não querem ser acusadas de impudência.¹⁶

O recato no viver e no vestir faziam parte da clivagem das condutas femininas no século XIX e deveriam ser atentamente observadas para evitar constrangimentos. Estas prescrições comportamentais referentes às atitudes femininas e ao seu modo de trajar, como veremos mais adiante em Nossa Senhora do Desterro, causaram uma série de interpretações por parte dos viajantes estrangeiros e por determinados setores sociais.

Neste sentido, podemos perceber que o olhar dos viajantes não era linear, alguns se diferenciavam na maneira de perceber a mulher no espaço público. Uma destas distinções poderia ser de ordem moral, pois condicionados por valores provenientes da cultura europeia, os viajantes ao vivenciarem os usos e os costumes da população da Ilha não estavam isentos de um pré-julgamento. É bom lembrar que, mesmo sendo filhos da cultura europeia, os viajantes tinham formação, experiências e interesses diversificados, que transpareciam nos seus relatos e na maneira de ver os mesmos objetos.

Saint-Hilaire, por exemplo, tem um olhar diferenciado de outros viajantes diante do uso de adornos por parte das mulheres de Desterro. Ao constatar que "[...] os homens se privam de tudo em favor de suas esposas e amantes [...]", assegura que

[...] em nenhum outro lugar existe como ali, uma desproporção tão grande entre as roupas das mulheres e as dos homens. Nos domingos e dias santos todas as mulheres do campo se assemelham a damas de alta classe, e na maneira como se acham trajados os seus maridos faz com que eles pareçam seus criados.¹⁷

Após estas observações sobre os modos desembaraçados e sociáveis das mulheres, constatou que a população feminina do Desterro era habitualmente maior que a população masculina. Justifica tal fato em duas direções: a primeira, devido ao pendor natural dos homens pelo mar; a segunda, ao temor do serviço militar. Esses dois fatores conjugados, conforme o viajante, contribuiu para que um grande número deles se decidisse pela vida no mar. Fazendo com isto que na Ilha existisse virtualmente mais mulheres do que

homens e concluindo assim que essa desproporção e "[...] o exagerado amor das mulheres pelos atavios, tornaram a prostituição extremamente comum".¹⁸

Maria Odila ao rastrear o universo feminino na cidade de São Paulo, e ao perscrutar na documentação estudada, encontra nos silêncios dos arquivos o cotidiano das mulheres pobres no século XIX. Maria Odila nos oferece um campo de tensões, até então escondidas ou omitidas pelos viajantes. Ao falar das mulheres pobres,

[...] transmitem imagens de vultos escuros envoltos em panos negros e quase nada mais acrescentam sobre suas condições de vida. Os preconceitos impõem silêncio e omissão sobre onde moravam e como sobreviviam.¹⁹

Saint-Hilaire enfatizava a existência de certa movimentação noturna de mulheres pelas ruas de São Paulo. Diante desta movimentação, registrava um grande número de prostitutas, "de todas as raças", fervilhando pelas calçadas,

Passeavam vagorosamente de um lado para outro ou esperavam nas esquinas os fregueses. Devo dizer, porém, que elas jamais abordavam as pessoas. Também não lançavam injúrias aos homens ou umas às outras. Mal olhavam os passantes, mantinham uma certa compostura exterior e nada havia nelas do cínico descaramento, tão revoltante, das prostitutas parisiense de classe baixa, nessa mesma época.²⁰

Os preconceitos de Saint-Hilaire também se revelam quando afirma que as mulheres do interior da Ilha de Santa Catarina gastavam tudo o que ganhavam para sustentar seus caprichos e quando omite informações sobre a sobrevivência das mulheres urbanas. É importante observar a sequência da narrativa do viajante: inicia descrevendo o desembarço das mulheres e sua preocupação com a beleza, vestuário e o gosto pelos atavios e finalmente sugere que a desproporção existente entre o número de homens em relação ao número de mulheres e o gosto das mulheres por uma vida de luxo eram os responsáveis pela prática da prostituição em Desterro. Embora formule explicações sobre as causas da prostituição em Desterro, não explicita a partir de que elementos concluiu que a prostituição era comum nesta localidade. Que atitudes femininas o naturalista leu como sinais exteriores da prostituição? Saint-Hilaire, como outros viajantes o fizeram, pré julga as práticas afetivas femininas em Desterro a partir de valores éticos provenientes, como não

poderia deixar de ser, de sua formação, experiências e interesses, que numa leitura atenta transparecem em seu relato.

Não eram só os viajantes que censuravam o desgarre das mulheres de Desterro, a "*coquetterie*", ao que tudo indica, fazia parte do cotidiano das mulheres da Ilha. Em 1857, um denunciante anônimo que se identificava como "O Almocreve", através do jornal "O Argos" reclamava contra "as senhoras irrefletidas que se animam a entrar na casa de Deus para orar, com o chapelinho na cabeça, como foi visto na igreja do Menino". Não satisfeito pela denúncia, o almocreve comenta: "[...] dizem que imitam as Irmãs de Caridade, mas estas não usam chapéus, sim toucas, para compor a cabeça, cujo cabelo trazem-no tão aparado (segundo dizem), que parece raspado a navalha [...]". Por fim, sugeria o severo censor que "[...] as senhoras conservassem os seus chapéus na mão ou os entregassem às suas mucamas [...]". Quanto aos censores que ficavam policiando o gosto das mulheres pelos atavios, suas censuras não mereciam o menor crédito diante do público feminino. Segundo Cabral, o descrédito aos censores fica evidenciado nas festas religiosas, onde "[...] as mulheres pouca bola estavam dando para os censores e, nas festas e procissões, exibiam os seus atavios, como em todas as épocas". Sobre os atavios utilizados pelas mulheres da Ilha de Santa Catarina, em dias de festas, Cabral relacionou os seguintes adornos perdidos pelas mulheres num só ano: "1 pulseira de contas de coralina fina encastoadas em ouro; 1 alfinete de peito, de ouro e pedras finas; 1 pulseira de ouro com lavoires".²¹

Teria o mesmo sentido, o uso dos adornos pela mulher do nordeste canavieiro e pela mulher da Ilha de Santa Catarina? No Nordeste patriarcal, segundo Gilberto Freyre, onde predominava a vontade do homem sobre a mulher, cujo papel na vida masculina era ser um objeto ornamental com a finalidade de se embelezar para os olhos do pai, irmão, marido e filhos, os adornos "passaram a constituir testemunho do apreço dos homens" diante de suas mulheres que, "[...] por suas graças físicas que deviam merecer o máximo de aperfeiçoamentos, através de artifícios que enfatizassem artisticamente os encantos naturais de condições especificamente feminina".

Outra característica apontada por Freyre para o gosto feminino diante dos atavios é correlacionada à miscigenação sanguínea e aos aspectos socioculturais do Brasil patriarcal. A essa reciprocidade de influências, na moda feminina, pode-se acrescentar, "[...] a de adornos de Nossa Senhora e de

santas, mulheres, que, de adornos de altar, passaram a ser adaptados a mulheres comuns, ou que, de mulheres comuns, foram transferidos ao status de adorno de santas”. Embora Gilberto Freyre tenha como referência de pesquisa a sociedade patriarcal do Nordeste canavieiro, onde as relações econômicas e familiares não eram dissociadas da grande propriedade, o que difere da constituição familiar do Sul do Brasil e dos modos de vida das mulheres - como bem lembrou Eni Samara em estudo sobre as condições familiares e femininas em São Paulo do século XIX -, sua pesquisa nos é relevante na medida em que oferece instrumental para pensarmos determinadas práticas socializantes desse país multirracial e com características socioculturais diversificadas.²²

Em Nossa Senhora do Desterro o processo de colonização se deu fundamentado na pequena propriedade, caracterizando, portanto, um modelo familiar diferenciado do nordeste canavieiro, onde as relações de convívio se deram dentro de outras atividades econômicas que não a grande propriedade. A pesquisa de Freyre é elucidativa na medida em que demonstra que o uso de adornos, que mereceu dos viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina no decorrer do século XVIII e XIX uma censura velada, não é uma característica sociocultural da mulher da Ilha de Santa Catarina. Pelo contrário, a prática feminina do uso de adornos perpassa por toda teia social do Brasil, constituindo-se, desta forma, em peça da *coquetterie* feminina, presente desde o período colonial até os tempos atuais.

A Vila de Nossa Senhora do Desterro, no período em que Georg Heinrich Von Langsdorff (1803) a visitou contava aproximadamente com 500 habitações, sobre uma faixa de terra acidentada de declividade suave, enquanto a população da Ilha de Santa Catarina era composta de 10.000 almas aproximadamente. Conta o viajante que a vida social dos moradores da província era de uma cordialidade e hospitalidade o que tornava o convívio gratificante:

À noite, reúnem-se em grupos de pequenas famílias onde, segundo o costume português, dançam, riem, fazem gracejos, cantam e brincam. Os instrumentos mais comuns são a guitarra e o saltério. A música é expressiva, agradável e contagiante, [...] falam geralmente do amor e da moça das saudades e suspiros do coração.²³

Além do registro da vida cotidiana dos moradores e da beleza do sexo feminino, Langsdorff narra as peculiaridades pertencentes ao universo feminino:

[...] acresce-se que o belo sexo recebe com muita gentileza os hóspedes e, em geral, não vive retraído ou confinado como na própria terra natal, Portugal, onde as damas vivem, durante o ano inteiro, enclausuradas, ou se escondem por detrás das portas e espiam o visitante pelo buraco da fechadura ou pela fenda da porta. Tão sem importância que possa parecer tal observação, não faltam pequenas intrigas de amor que se espalham aqui.²⁴

Otto Von Kotzebue, em 1815, vivenciou na Ilha o cotidiano dos moradores, e em particular, o tempo que estes despendiam com o lazer. No século XVIII, um estrangeiro já proferira comentários sobre a grande ociosidade em que viviam o Ilhéus e relata o vivenciado:

À tarde dedicavam-nos ao lazer; os bem-humorados habitantes da Ilha frequentemente reuniam-se ao redor de nossas tendas, e uma dupla de violino e flauta, o que aumentava a nossa alegria, convidava-os a dançar e cantar, e dando-nos a oportunidade de apreciar a graça com que as meninas dançavam o fandango.²⁵

Duperry em 16 de outubro de 1822, na sua perspicácia, observou particularidades entre a população feminina do Litoral Continental e a população da Ilha de Santa Catarina. E entre as particularidades, destacamos aquelas pertinentes às práticas afetivas. Em relação ao vestuário das mulheres da Ilha, observou que, "[...] as senhoras adotaram as modas francesas; e, trajadas com simplicidade e elegância elas atraem as homenagens. São cheias de vivacidade. Vimos algumas que eram lindas". A respeito das mulheres que habitavam o Litoral Continental, chamou atenção para o fato de que

[...], embora ponham um certo esmero em seus adornos, elas usavam vestimentas simples de uma beleza notável. Um vestido leve de chita que desenha uma estrutura bem apanhada, algumas flores colocadas com arte sobre a bela cabeleira, lhes dão um ar provocante. Elas possuem aquela coqueteria tão comum ao seu sexo, [...].²⁶

Duperrey, ao dar seu testemunho sobre a sociabilidade feminina, atesta com aval de verdade, o depoimento de outros viajantes que o precederam, quando estes se referem a benevolência com que as mulheres da Vila de Nossa Senhora do Desterro dedicavam aos estrangeiros. "[...] mas existe em seus costumes algo que pareceria contraditório com a vida retirada que elas levam no campo, pois que frequentemente fazem amizade com os marinheiros que aportam em suas portas". Diz ainda que: "Outra coisa, digna de nota é que o ciúme parece ser endêmico entre os maridos, o que se é um tanto tirânico, é pelo menos desculpável".²⁷ Em suas excursões pelo litoral de Santa Catarina, o naturalista francês René Primevère Lesson (1822) relata os modos de vida dos habitantes. Descreve as habitações como lugares simples, onde os móveis compõem-se de alguns objetos grosseiros, que segundo ele, indicam a carência de recursos materiais que possibilitaria uma vida de conforto e bem-estar. Contudo, segundo ele, é no aposento da "dona da casa" que se encontra um certo conforto onde alguns simples arranjos tais como utensílios de cobre, bibelôs, uma estampa colorida sobre a cama faziam parte deste cenário que servia como peça de recepção. Quanto aos habitantes dessa região, Lesson os retrata como "afáveis, atenciosos e solícitos". E relatou os costumes das mulheres:

[...] e suas jovens filhas, seguindo o costume, corriam a procurar algumas flores e compunham ramalhetes que eram oferecidos com um sorriso sobre os lábios com gestos os mais desembaraçados, [...] as moças daqui, com a galanteria inerente ao seu sexo, sabem se pôr, [...]. Um vestido de chita cobre levemente sua estatura, sem esconder a docilidade, [...] o que unido a olhares expressivos justificam bastante o extraordinário ciúme dos maridos e a vigilância dos pais.²⁸

Robert Avé-Lallemant, em sua viagem pela província de Santa Catarina no ano de 1858, descreve a Ilha como um lugar aprazível para se viver, ao lado das "Musas" que adoram andar pelo campo em busca do "império da liberdade".

Quem gosta de fugir ao tumulto da cidade e de viver no campo, no recolhimento da Natureza e das Musas, que com ele de bom grado perambulam, e amam as alturas azuis e o império da liberdade - encontrará feliz asilo nas encostas da Ilha de Santa Catarina.²⁹

Sobre os habitantes de Nossa Senhora do Desterro, o viajante teve pouca oportunidade de conhecer. Justifica a falta de conhecimento sobre a população, por não haver vida pública na "pequena bolorenta Desterro". Apesar de não encontrar vida pública, Avé-Lallemant, teve seu encontro com a população por ocasião de uma festa religiosa.

Todavia, em 30 de maio houve a festa da romaria do Menino Jesus, do outro lado da Serra do Sinal. De manhã foi muita gente para lá; encontrei cavalheiros e senhoras muito elegantes a cavalo, porém muito mais gente a pé; e tinham boa aparência os grupos de pessoas ataviadas que desciam da encosta para a praia ou saíam dos escuros cafezais, dirigindo-se à capela.³⁰

Dom Pernetty, que esteve na Ilha em 1763, comenta a surpresa de alguns oficiais norte-americanos ao encontrarem "[...] várias senhoras e de serem bem acolhidos [...]" num jantar oferecido pelo governador da Província. A surpresa dos oficiais dava-se pelo fato de os portugueses possuírem a reputação de "[...] serem extremamente ciumentos [...]", que pudessem permitir às senhoras de participar de tais reuniões. Logo após o jantar, "[...] teve lugar, então, uma espécie de baile, onde as senhoras figuravam como senhores; retiramos-nos às duas ou três horas da noite, bastante satisfeitos".³¹ David Porter, oficial norte-americano que esteve na Ilha de Santa Catarina em 1812, comentou em seu relato que "[...] a gente das aldeias é bem vestida, agradável e jovial no aspecto; as mulheres são bonitas e graciosas em suas maneiras; os homens são extremamente ciumentos e creio que, para isso, tenham suficientes motivos".³² Lesson em seu relato registrou que "[...] as menores coisas servem para esboçar o aspecto moral de uma região ou de um povo". Fundamentado neste juízo ético, e na condição de observador, o naturalista fez o seguinte comentário:

Mas de uma vez a história natural nos lançou nos matos, onde encontramos o pessoal da equipagem ocupado em outras pesquisas que não eram precisamente aquelas específicas de nossa missão. Pelo tempo que durou nossa estadia, certos esposos desconfiados, faziam cativas suas caras-metades.³³

Uma das imagens recorrentes registrada por alguns viajantes que nos chama atenção, além da sociabilidade da população de Desterro e da beleza

feminina é a que registrou o ciúme da população masculina. Contudo, não encontramos na documentação analisada, vestígio de algum fato ocorrido em Nossa Senhora do Desterro, onde o ciúme estivesse na raiz de alguma desavença amorosa. Isto não significa a inexistência de requerimentos de divórcio na Ilha de Santa Catarina no século XIX, apenas não encontramos nas fontes que tínhamos disponível, indício de divórcio motivado pelo ciúme. Provavelmente, tal documentação esteja guardada no Arquivo da Cúria de Florianópolis. Divórcios, motivados por ciúme, neste período, na cidade de São Paulo, foram encontrados por Maria Beatriz Nizza da Silva ao analisar processos de separação conjugal. E entre eles, destacamos um, que teve "consequências terríveis". Tratava-se do processo de Catarina Rodrigues Pinta, acusada injustamente de adultério pelo marido e seviciada por ele várias vezes. E entre estas sevícias, "[...] lhe fez uma mortal ferida nas partes vergonhosas, rasgando com as mãos, querendo-lhe tirar a madre para fora".³⁴ Eni Samara, ao analisar um conjunto de motivos que culminavam com o pedido de divórcio por parte das mulheres na cidade de São Paulo no século XIX, nos revela que as sevícias eram das mais frequentes.

O abandono do lar vinha, geralmente, associado ao adultério ou 'sevícias graves', já que a Igreja impunha cláusulas restritivas às separações. Sabemos que muitas mulheres optavam por esta última alegação, pois a Igreja impunha a condição de não coabitação com o adúltero, logo depois de conhecido o adultério, e o mesmo fato estava previsto na legislação civil.³⁵

Nas primeiras décadas do século XIX, devido ao grande número de pedidos de separação, foram elaboradas várias explicações para justificar os motivos que levavam as mulheres a pedir a separação. Uma delas, a que explicava a partir da revolta feminina contra a reclusão e o recato.

Qualquer mulher, só porque se acha casada com um marido, que desejando ser honrado, lhe proíbe certas visitas, e amizades, que lhe não consente bailes, óperas, e espetáculos proibidos, que lhe nega certos vestidos, e ornatos indecentes, já murmura, já se maldiz, e desembainhando a espada da língua, entra sem piedade a cortar neste desgraçado vociferando: É um Nero, é um tirano.³⁶

Outra explicação apresentada fundamentava-se na educação. Partia do princípio que a má educação recebida na casa paterna não preparava a mulher para a obediência diante do seu marido:

Outra, que sendo mal educada na casa de seus pais, que pelo amor, e mimos desordenados, que lhe inspiraram, ignora o que é decência, respeito, obediência, e sujeição, se por acaso acerta com um marido que quer gozar da preeminência de homem, que lhe compete, que a repreende, e que a corrige, como está desacostumada deste modo de tratamento, o estranha, e levantando-se sem outra causa, foge de sua casa, voa a procurar o asilo daqueles, que tão mal a educaram, que em lugar de lhe inspirarem a obrigação, que ela, a patrocina, e tomam em pontos de honra, o que não é mais do que desonra.³⁷

Em Nossa Senhora do Desterro era costume dos casais em litígio comunicar à sociedade e ao comércio, através da imprensa, que se encontravam separados ou em processo de separação. Como é o caso de Ana Joaquina, que em 1853, se viu abandonada com seis filhos pequenos e fez circular pela imprensa que se encontrava em litígio com seu marido e desautorizava qualquer transação comercial que envolvesse a chácara pertencente à família, "pois que antes disso nada devia o casal". O denunciado, após três semanas, fez circular na imprensa sua versão: Conta ele, que pegou sua mulher em ato criminoso e pelo ocorrido acabou ficando desamparado conjuntamente com seus filhos, cobertos de vergonha. E que não satisfeita pelo ato, "[...] ela e seu cúmplice invadiram minha casa levando meus filhos e alguns pertences".³⁸ Em outro caso de separação, D. Antônia Maria dos Santos, em 1855, comunicava:

A Baixo Assinada, mulher do Sr. Major Joaquim José Ribeiro Maiato, faz público que se acha litigando perante a autoridade competente, com seu marido de quem vive abandonada há 21 anos sobre uma separação amigável de bens; e por isso, e pelo estado de decrepitude de seu marido serão nulos e inválidos todos e quaisquer contratos que ele fizer, de ora em diante, até que se verifique a dita separação.³⁹

Não passaram despercebidas para o naturalista Lesson as múltiplas formas de sedução que os estrangeiros possuíam.

Núbeis desde muito cedo, as jovens estão com a idade de doze ou treze anos engajadas nos laços do himeneu. Elas revelam aos estrangeiros uma benevolência que se declarou desde o primeiro vislumbre. É verdade que estes possuem números meios de sedução, e que os presentes temperados com suas palavras apresentam-se de uma forma tão arrebatadora que é difícil resistir.⁴⁰

Sobre os jogos do amor, da paixão e da honra da mulher da Ilha faz a seguinte observação.

Eu as vi bonitas: disseram-me que elas são como as mulheres civilizadas pois adoram as intrigas amorosas. Todavia é preciso amantes ousados porque, seus maridos ciumentos são vigilantes, e, nas circunstâncias difíceis, elas estão sempre prontas a sacrificar seus galantes para salvar sua honra.⁴¹

Para Maria Beatriz, a noção de "honra" em Souza Nunes, encontra-se associada à noção da "fama", entendida aqui como opinião pública. Não podemos esquecer que Nunes é um homem inserido na cultura do Antigo Regime, onde fama, reputação e honra, pertenciam ao domínio do espaço público e tinham como estratégia regulamentar as práticas de sociabilidade. A opinião pública problematizava a moral e a ordem, em uma época em que as emoções e a intimidade do sujeito eram objeto a ser administrado pela religião cristã e pela psicologia que veiculavam que os homens vivem também das suas intenções. Também neste período, acreditava-se que a mulher não deveria saber ler e nem escrever, pois permanecendo nas "trevas", evitaria se envolver nos jogos sedutores que poderiam causar uma série de transtornos para a mulher, como observa Suzanne Comte: “[...] assim não se poderá comunicar-lhe galanteios que se hesitaria dizer em sua presença; sem contar que o Diabo é tão maligno que inspiraria talvez às mais sensatas o desejo de responder”.⁴²

Segundo Samara, o adultério ou a quebra da fidelidade matrimonial era considerada uma falta grave para ambos os sexos. O Código Filipino se caracterizava pela brandura na punição do homem adúltero. Já o antigo direito português punia com pena de morte o adultério, tanto a mulher casada como seu cúmplice. Diz ainda Samara que o código criminal brasileiro de 1830 manteve a mesma distinção em relação aos sexos.⁴³

Carl Seidler, mercenário suíço - alemão contratado pelo exército imperial para lutar na campanha da Cisplatina, desembarcou no porto da capital da província de Santa Catarina numa manhã de 1825. A noite que passou, até o rompimento da manhã redentora, é narrada por ele como uma longa noite, cheia de expectativa e ansiedade diante do "fabuloso paraíso do novo mundo". Assim que o dia se fez presente, desembarcou na Ilha de Santa Catarina. O movimento da cidade chamou-lhe a atenção com suas ruas movimentadas e aglomeração no mercado de peixe. E confirmou o que "ouvira" sobre os modos das mulheres de Desterro:

O que eu ouvira a respeito das senhoras me pareceu confirmado desde o primeiro dia, pois à tarde, estando eu a janela com alguns de meus conhecidos, ao passearem diversas dessas belas diante da casa com o seu desembaraço à portuguesa, foram elas as primeiras a nos saudar, contrariamente aos costumes brasileiros, e com uma amabilidade e olhares tais que bem se podia compreender que os oficiais estrangeiros lhes eram hóspedes bem apreciados.
44

Relata ainda que "falar da Europa" era gratificante na medida em que provocava a "mais viva atenção" das famílias que visitava. Temas referentes "a moda", "fidelidade" e "amor" eram assuntos preferidos das mulheres.

Às amáveis cidadãs da Vila do Desterro era especialmente agradável falar da Europa, com a mais viva atenção ficava toda a família suspensa aos lábios do narrador de fábulas, indagava de mil pequenas particularidades, pelas mulheres alemãs, pelo amor na Alemanha, pela moda alemã, pela fidelidade alemã; [...]. De cada vez crescia a confiante amizade dessas livres filhas da natureza, de modo que em pouco tempo nos sentíamos tão íntimos, tão confortados no círculo dessa boa gente como se fosse nossa família; eis que em breve eu deveria romper esses laços, de tão bom agrado alimentados, sem desconfiança e sem segundas intenções, e voltar ao meio dos mulatos do Rio de Janeiro.⁴⁵

Ao vivenciar o cotidiano da população da Ilha, Seidler constata que "[...] as jovens, [...], não são tão retraídas e tímidas [...]" como as mulheres do Rio de Janeiro que "[...] ao entrar o estranho as senhoras ou moças fugissem."; ao contrário, em Desterro, juntamente com seus amigos se sentia estimulado a

pedir o "necessário fogo e um copo com água" e em algumas oportunidades as beldades da Ilha de Santa Catarina nos convidavam "para entrar na casa", e nestas ocasiões, "[...] então todo pessoal feminino aparecia nos melhores trajes e procurava por meio de palestra à vontade, alegre e às vezes espirituosa, distrair da melhor maneira possível o hóspede". O olhar perspicaz do viajante, não deixou de perceber a diferença entre as mulheres da Ilha de Santa Catarina, do Rio de Janeiro e da Bahia. Sobre as mulheres da capital do Brasil, além da "pele entre parda e amarela" e o cultivo pela vida de sociedade, Seidler faz algumas observações diante da amabilidade que dispensavam aos estrangeiros.

Tanto as moças como as senhoras, em geral, apreciam os estrangeiros; as primeiras, porque com uma ligação amorosa ou quem sabe um casamento se julgam mais livres e mais intimamente endeusadas [...]; as últimas, porque julgam poder melhor contar com a sua discipulação, [...], de modo que é menos de recear transpire o segredo. ⁴⁶

Pela leitura feita por Seidler referente aos modos de vida da população feminina da Ilha de Santa Catarina e de outras regiões do Brasil, onde a mulher foi caracterizada como sedenta de desejos e aventuras, é tentador pensarmos que todas as regiões do Brasil Imperial eram o próprio jardim do Édem. Em nenhum momento de sua narrativa Seidler tenta compreender qual juízo ético fundamentava as práticas afetivas das mulheres da comunidade em que se encontrava. Ao omitir uma leitura que levasse seus leitores ao entendimento do que acontecia nesta região, Seidler provoca a imaginação do leitor, para que este elabore a mulher sedutora do Brasil e em particular da mulher da Ilha de Santa Catarina. Avaliando as condutas das mulheres, a partir de princípios morais pretensamente universais, as narrativas refletem esses valores, que eram destinados a leitores que a princípio pertenciam ao mesmo universo cultural de Seidler. Se não tivermos isto em conta, incorremos no mesmo erro de Seidler, de não perceber outras leituras capazes de revelar os princípios éticos subjacentes às práticas sociais das mulheres das regiões que visitava.

A narrativa mais surpreendente sobre as mulheres do litoral de Santa Catarina foi a do aventureiro suíço Heinrich Trachsler (1828), na "Vila de São Francisco de Laguna". Sobre o cotidiano dos moradores o viajante registrou que são esforçados, trabalhadores, abastados e bons comerciantes. "Em toda parte fomos recebidos atenciosamente" inclusive pelo "belo sexo", diante desta

amabilidade todo batalhão arrumou namorada, "e pouco importava aos soldados se eram brancas ou pretas". Trachsler registrou como sucumbiu ao primeiro olhar, aos encantos da "querida Francisca".

Enquanto vadiamos até a extremidade da Vila, fomos cativados por um belíssimo rosto de Madona e ficamos como que paralisados. [...]. Debruçada a meio corpo fora da janela, avistamos, tomados de encanto e dignos de inveja um opulento e ondeante colo, cuja brancura e volume harmonioso transparecia velado, traiçoeiramente, por um simples e leve vestido de trabalho caseiro; por aí chegava-se à conclusão dos ricos e viçosos encantos desta Psique tropical.
47

Além da cordialidade das mulheres que os recebiam para saborear uma xícara de café, narra que outros acontecimentos os cativaram. E entre eles, o "círculo familiar" e as conversas das "admiráveis filhas" que gostavam de dissertar sobre o "*amor*".

[...], a senhora puxou a conversa em primeiro lugar sobre a nossa pátria, usos e costumes, etc., passando finalmente ao capítulo do amor, assunto que suas admiráveis filhas tratavam com toda a naturalidade e discreta modéstia, trocando amabilidade. Esse círculo familiar tão íntimo e amigo fez com que nos sentíssemos em casa, e o passar das horas não era percebido.⁴⁸

A conversa despreziosa e a troca de gentilezas ocorrida entre os viajantes e as mulheres que visitavam são descrita pelo aventureiro: "É fácil imaginar como nós, jovens rapazes, íamos nos derretendo como açúcar". Nesta passagem "[...] íamos nos derretendo como açúcar [...]"; não estaria nosso aventureiro "possuído" pelo desejo que fluía diante do aconchego familiar propiciado pelos encantos que este encontro proporcionava? Teria Trachsler discernimento do que realmente acontecia? Ou estaria entregue a sua imaginação ao registrar os momentos por ele e seus amigos vivenciados e experimentados? Parece-nos que o momento lúdico e o aconchego familiar no qual o viajante permaneceu inserido por algumas horas proporcionaram-lhe uma convivência prazerosa. Em certos momentos o aventureiro deixa transparecer a ambiguidade do seu olhar diante do vivenciado naquele momento por sua existência:

[...], e quanto ao vinho, as filhas de Eva; depois de muita insistência, também o experimentaram. As doces pombinhas mostraram-se realmente afáveis e até confiadas para conosco, mas com muita decência, pois eram filhas de família. Uma vez que eram solteiras, debaixo da vista da mãe, nem por sombra pensar em excessos se podia; elas queriam satisfazer sua curiosidade feminina e introduzir a nós, forasteiros, com cordial liberdade, no santuário familiar. As brasileiras não costumam ser vistas por homens, mas há muita exceção, principalmente na intimidade do lar. Tanto mais gostam de exhibir-se nas igrejas e festividades públicas!⁴⁹

Trachsler deixa transparecer o desejo que aflora diante do experimentado por ele e seus amigos. Ora colocando-se como observadores ativos na construção do lúdico "desejávamos e esperávamos por elas", ora como observadores inocentes, pois se consideravam "verdes na arte do amor", diante da voluptuosidade feminina. É importante observarmos a trajetória de sua narrativa. Através dela, podemos perceber a ambiguidade da sua fala. Primeiro induz seus leitores a imaginar que as mulheres com quem dialogava se insinuavam graças aos seus ardis sedutores. Num segundo momento se coloca na condição de seduzido e de uma ingenuidade angelical. Em outro momento, não afirma e nem nega a construção de sua fala; ele orienta, guia, conduz seus leitores a fazer a leitura que melhor lhes convém. E finalmente reconhece que é "pela boca profana dos soldados extasiados" que são proferidos os elogios diante das práticas afetivas das mulheres que visitava.

A cumplicidade dos viajantes diante dos acontecimentos se torna evidente na medida em que eles constroem a imagem da fluidez das práticas afetivas femininas e afirmam constantemente terem gozado dos prazeres propiciados pelas práticas de sociabilidade da população feminina da Ilha e do litoral. Em vários relatos de viagens essa cumplicidade é colocada de forma sutil, como se estivessem sendo simplesmente narradores das práticas sociais da população. Entretanto, uma leitura mais atenta dos fatos narrados pelos viajantes demonstra que eles são partícipes na construção da imagem da mulher sedutora da Ilha e do litoral de Santa Catarina.

Ao tentarem envolver seus leitores nas suas aventuras amorosas, os viajantes sugerem que foram partícipes dos acontecimentos e não meros espectadores. Os relatos de viagens são uma fonte histórica singular na medida

em que aquele que enuncia o acontecimento muitas vezes narra a sua própria atuação. Aquele que enuncia é um narrador, mas também um produtor do acontecimento narrado. Em certa altura do seu relato, o viajante pede desculpa aos "indulgentes leitores" pela sua narrativa pormenorizada dos acontecimentos. Trachsler deixa transparecer que deseja aprisionar seus leitores num jogo de sedução com uma serie de descrições provocantes: "doces lábios", "boca de cereja", "voluptuosos saracoteios com o corpo", "*sinuoso seio*", "rosa certamente ainda não tocada", e "íamos nos derretendo como açúcar", são expressões que ponteiavam a trajetória da trama narrada. Posteriormente recua pedindo desculpa aos seus "indulgentes leitores" pelo relato detalhado, argumentando que sua narrativa poderia servir "eventualmente de introdução a um capítulo sobre os costumes brasileiros". É como se, para explicar o modo como foi envolvido a participar dos acontecimentos, Trachsler colocasse na narrativa uma leitura capaz de tornar evidente sua participação, mas mediante a um princípio que supostamente ele considerava nobre. E ao eximir-se da culpa por ter usufruído dos "prazeres mundanos" narrados, inocenta as mulheres que visitava de qualquer referência à prática da prostituição. Este tema é abordado no final do seu relato quando seu batalhão deixa a cidade de "São Francisco de Laguna". "As mulheres mundanas seguiram-nos até aqui e teriam acompanhado os soldados ainda mais longe, não fosse dada ordem pelo coronel de enxotá-las com varas de carregar fuzil".

O viajante não nos oferece qualquer possibilidade de identificação de quem eram essas mulheres que classifica como "mundanas". Sua observação se torna interrogativa na medida em que coloca uma diferenciação entre as mulheres que acompanharam os soldados até um determinado percurso da marcha, daquelas com quem dividiu momentos de inesquecível felicidade. Ao discernir com nitidez entre mulheres honradas e prostitutas, estaria Tracheler a informar para seus leitores que as mulheres com quem se envolvera não eram prostitutas e dessa forma tornando sua narrativa mais consistente e instigante na medida que exigiria do seu leitor um exercício de decodificação dos rituais de sedução? Ou estaria pré-julgando, como o fizeram outros viajantes, determinados comportamentos que seu olhar observava a partir dos seus valores, experiências e interesses? ⁵⁰

Com base neste conjunto de falas sobre as mulheres da Ilha de Santa Catarina, e do litoral, podemos acreditar na benevolência das mulheres desta região para com os viajantes ou estas atitudes femininas reincidentemente relatadas seriam uma criação do imaginário destes viajantes? Que instrumentos teríamos para testar a veracidade dos fatos narrados pelos viajantes ao descreverem as mulheres da Ilha e do litoral de Santa Catarina como sedutoras?

A mulher sedutora seria só fruto da imaginação dos viajantes? Pergunta que não conseguimos responder desde o início desta pesquisa e que permanece obscura. Confesso que completamente embriagado travei intenso duelo desde o início em que comecei a manusear as narrativas dos viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina no decorrer do século XVIII e primeira metade do século XIX. Que papel coube à mulher da Ilha e do litoral nos jogos da sedução? Instigado por esta pergunta e seduzido pelas narrativas dos viajantes procuramos encadear um conjunto de imagens que possibilitaram a construção da mulher sedutora.

Uma primeira questão é indagar a veracidade das cenas de sedução relatadas pelos viajantes. Outra questão, diante da frequência destes relatos, é questionar qual o papel das mulheres nestes jogos de sedução. Pensar numa mulher submissa, que ficava a mercê dos jogos amorosos dos viajantes, também seria equivocada por impossibilitar-nos de compreender a própria dinâmica das formas de sociabilidades destas mulheres.

Outra leitura possível para não incorrer no erro de não ver outras leituras subjacentes ao universo feminino, é a que relaciona, por exemplo, o casamento como a única oportunidade de realização para a mulher na sociedade patriarcal brasileira.

Parece-nos que as mulheres da Ilha e do litoral não eram indiferentes ao jogo da sedução. Pelas narrativas dos viajantes podemos observar - resguardando o que fazia parte do imaginário de quem narrava - que as mulheres destas regiões também em determinados momentos eram partícipes de situações envolventes. Nossa hipótese se justifica na medida em que todos os viajantes descrevem de forma sistemática uma mulher benevolente e amável. Em nenhuma ocasião encontramos referência ao contrário. Se de um lado só temos falas masculinas construindo a mulher sedutora, portanto, é a

partir delas que contamos o que se passou na Ilha e no litoral, por outro, fica uma pequena dúvida diante dos papéis que elas encenaram. Em momento algum estamos a dizer que as mulheres destas regiões eram sedutoras, apenas chamamos a atenção do leitor para o fato de que sem exceção todos absolutamente todos os viajantes registraram uma mulher sedutora nesta região.

Nesta perspectiva, Heinrich Trachsler foi um sedutor seduzido pelos encantos da "querida Francisca" e por que não dizer do próprio acontecimento. Ele também é o convidado de Francisca e suas irmãs para o vivenciado naquele momento onde o café, o vinho e a ceia configuravam os jogos das possibilidades sedutoras. O viajante e seus amigos em determinados momentos sucumbiram a todos os encantos das mulheres e foram expostos aos seus jogos.⁵¹ Não é objetivo deste capítulo ir em busca de uma verdade dos acontecimentos e sim tentar compreender as práticas afetivas femininas que possibilitaram a construção da mulher sedutora na Ilha de Santa Catarina.

CAPÍTULO II médico, a cidade e a mulher

O processo de ocupação efetiva da Ilha de Santa Catarina ocorreu no governo do Brigadeiro Silva Paes, com a chegada dos imigrantes açorianos. Em carta de 23 de março de 1742, dirigida ao governo da Metrópole, Silva Paes demonstrava a importância de iniciar o povoamento com casais das Ilhas do Arquipélago dos Açores e argumentava que os filhos desses poderiam incorporar as tropas para proteger a nova terra.⁵² Com esses argumentos, Silva Paes tentava sensibilizar o governo da Metrópole para a necessidade de povoar e fazer a defesa da Ilha de Santa Catarina, conforme era o propósito da Coroa Portuguesa. No começo de 1748, chegou à Ilha a primeira leva de imigrantes açorianos composta por 461 pessoas; a segunda na semana de natal de 1749, com 1.066 colonos; a terceira contendo 1.478 pessoas, chegou em 1752; a quarta em 1756 com 520 imigrantes. De 1748 a 1756, chegaram à Ilha de Santa Catarina 3.525 colonos açorianos.⁵³

Foi a partir da primeira metade do século XIX que as autoridades da cidade de Nossa Senhora do Desterro começaram a delinear uma cartografia urbana diante do quadro da formação social que a ilha começava a desenhar.

Os problemas urbanos começam a preocupar as Câmaras: o abastecimento d'água, a limpeza pública, a desobstrução dos córregos, a iluminação. Tudo, problemas que a administração tenta resolver, ao lado de medidas tendentes a dar às mesmas vilas um aspecto mais regular. [...]. As pequenas fortunas começam a surgir e, com elas, as casas se assobradam e se mobíliam. O comércio melhora, os ofícios encontram procura, o número de escravos aumenta, a navegação se intensifica. [...]. Os filhos destes remediados do Desterro já se caminham para as armas, para o clero, para o comércio. E os dos pobres faziam-se alfaiates, sapateiros, ferreiros, marceneiros. Esboçava-se a formação de uma sociedade.⁵⁴

Questionando usos e costumes da população, o discurso médico-higienista se apresentava como o saber e o fazer capazes de responder cientificamente os vários aspectos da urbanização que se processava em várias regiões do Brasil. Na Ilha, o processo de urbanização se deu conjuntamente com a clivagem das condutas. E, na tentativa de normatizar hábitos e costumes, vários segmentos sociais da Ilha intervinham nas práticas de sociabilidade da população. E, entre estas, a visibilidade feminina tornou-se alvo predileto dessas intervenções. Com o intuito de corrigir comportamentos considerados inconvenientes, em sua coluna de informes, o jornal "O Mosquito" publica:

A bem de não passar pelo dissabor de ser objeto das criticas livres das esquinas, parece justo que certa viúva moça, provocadora e insensata, modere mais o entusiasmo onde quer que se ache. Se a sua posição não lhe merece respeito, faça ao menos por não esquecer-se de que não é mocinha compatível para todos os desafios amorosos de salão.

Experimentemo-la,
Desterro.⁵⁵

O confinamento da mulher na intimidade do lar, teoria difundida por várias correntes no século XIX, tinha como objetivo implícito evitar a desagregação familiar. É importante observar que o discurso médico-higienista associava o crescimento urbano à dissolução dos usos e costumes. Assim, o pensamento médico e jurídico do século XIX fornecia argumentos para normatizar as práticas afetivas femininas.⁵⁶ Na Ilha de Santa Catarina, pretendia-se que estas prescrições sobre o urbano viabilizassem a implantação efetiva de medidas de controle sobre a cidade e sobre os usos e costumes da população e, em particular, as práticas afetivas femininas. Regulamentar a desordem urbana deixada de herança pelo período colonial constituía-se o maior desafio da incipiente elite desterrense. A reordenação do espaço urbano como objeto da esfera do saber médico – embora os agentes dessas falas na Ilha também fossem constituídos por cronistas, jornalistas, funcionários públicos, militares graduados e comerciantes –, esteve marcada por contradições e ambiguidades. Se de um lado tratava-se de dar um novo aspecto a cidade, do outro tinha-se a resistência dos sujeitos às mudanças.⁵⁷

Essa nova maneira de falar do urbano, inaugurada no apagar das luzes do século XVIII e que se propagou no decorrer do século XIX, assegurou uma

estratégia de controle dos sujeitos na maioria das cidades brasileiras. O refinamento da família colonial, através do discurso médico-higienista, possibilitou o surgimento da família burguesa que trazia consigo o discurso da modernidade. Não só o espaço urbano se educava, a vida privada dos sujeitos valorizava a intimidade do homem. "Os indivíduos aprenderiam a cultivar o gosto pela saúde, exterminando, assim, a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais".⁵⁸

A introdução de novos equipamentos de sociabilidade no espaço urbano da Ilha apresentava simbologias a serem descodificadas no cotidiano. O sujeito civilizado e aburguesado, de maneiras polidas e sempre pronto a um gesto cortês, era um símbolo a ser desvendado e assimilado. Tornava-se necessário, portanto, a difusão de uma pedagogia da cordialidade.

A higiene reflete aqui o processo de civilização que molda gradualmente as sensações corporais, aperfeiçoando-as, delineando a sua subtileza. Esta história é a do polimento da conduta, e também a do engrandecimento do espaço privado ou do autoconstrangimento: cuidado de si para si, tarefa cada vez mais delimitada entre o íntimo e o social.⁵⁹

A imprensa, que na cidade de Nossa Senhora do Desterro se consolida em 1850, incorpora o discurso da modernidade preconizado pela elite local que, no decorrer do século XIX, patrocina as clivagens das condutas da população. A inserção dos novos códigos de posturas no cotidiano da Ilha teve, na imprensa, o instrumento que possibilitou a veiculação desses saberes. A população passou a usar os jornais como dispositivo que denuncia, vigia e pune. E, ao denunciar, exercem o controle sobre a infração e sobre o infrator. E ao controlar insere na teia social verdades referentes ao viver cotidiano e, por isso, determina o que é correto.

Nesta perspectiva, a partir da segunda metade do século XIX, os transformadores da paisagem urbana da Ilha utilizam a imprensa como instrumento para veicular uma série de saberes sobre os mais variados aspectos do urbano e das práticas de sociabilidades dos sujeitos. Neste sentido, coube a ela o papel de intervir de forma sistemática nos usos e costumes dos ilhéus.

Já não basta só denunciar. A cidade é vista como coisa doente, que precisa ser desinfetada. O empreendimento exige um constante verificar do objeto a ser tratado, tornando necessária uma focalização dos pontos de manifestações das tensões. A cidade de Nossa Senhora do Desterro, do século XIX, era descrita como uma cidade empestada e de imundícies acumuladas. Falava-se dos odores das águas estagnadas, do fedor da podridão dos detritos como lugar onde reinavam os miasmas.

Neste sentido, a medicina apossou-se do espaço urbano e imprimia as marcas do seu poder. Na Capital da Província de Santa Catarina, encontrou um campo fértil – matas, pântanos, rios, cemitérios, casas, águas e epidemias – que, no dizer médico, identificava o aspecto de insalubridade da Ilha. Estes saberes produzidos para problematizar o urbano continuavam ditando as normas e fixando procedimentos que asseguravam o controle territorial e a disciplinarização dos corpos. "Foi também pretextando salvar os indivíduos do caos em que se encontravam que a higiene insinuou-se na intimidade de suas vidas".⁶⁰

Ao final do século XVIII, conforme dados obtidos pelo governo da Capitania de Santa Catarina em 1795, a Vila de Desterro contava com 3.757 moradores e a população da Ilha totalizava 9.160 pessoas. Já no início do século XIX, a Vila de Nossa Senhora do Desterro contava, em 1810, com uma população de 5.250 habitantes distribuídos em 954 fogos. Em 1872, segundo o recenseamento geral, habitavam na cidade de Desterro 9.108 pessoas. No município havia um total de 25.709 habitantes. Auguste de Saint-Hilaire, em sua visita a Ilha de Santa Catarina em 1820, produziu um diversificado relato da situação local. Conta ele que, neste período, a Ilha possuía cerca de 12.000 habitantes, de acordo com "dados oficiais" que coligiu. Entretanto, questionava estes dados considerando que a população deveria ser maior, uma vez que "[...] muitas pessoas, na esperança de impedirem que alguns membros da família sejam convocados para servir na Guarda Nacional, nunca declararam o número exato de seus componentes".⁶¹

Oswaldo Cabral chama a atenção para o lento crescimento de edificações no perímetro urbano da Ilha, pois segundo ele, em 1796 havia em Desterro 666 habitações, e em 1876 havia na cidade de Desterro 1.775 casas de habitações. Segundo ele, "[...] em oitenta anos haviam sido construídas apenas

1.109 casas, o equivale dizer 14, em média por ano, pouco mais de uma por mês, índice bastante desprezível, sem dúvida, para uma Capital".⁶²

Diante deste cenário, o ritmo de problematização higienista referente ao aspecto urbano na Ilha de Santa Catarina, a partir da segunda metade do século XIX, se deu num processo mais intenso. Num primeiro momento, denunciando, através da imprensa, o estado sanitário da Ilha e, num segundo, intervindo através de obras saneadoras no espaço urbano da cidade.

O jornal "O Argos", em sua edição do dia 1 de janeiro de 1862, chama à atenção das autoridades para o triste abandono em que se encontram as praias, as ruas e o cemitério público.

À Câmara Municipal, apresenta-nos o triste espetáculo - as praias sem cais e imundas, pelo meio das ruas vêem-se montes de imundícies, animais mortos, charcos d'água estagnadas; a rua do vigário, por exemplo, desde o Campo do Quartel até a rua da Tronqueira está um verdadeiro precipício por onde não pode passar uma carroça d'água; o campo do Quartel, o Largo do Palácio estão convertidos em pastagens de 30 a 40 cavalos(!); uma multidão de cabras arrombam as cercas e destroém as plantações. E o Cemitério Público, onde repousam os restos de pessoas caras talvez aos Srs. vereadores ainda mais do que a nos estava em tal abandono que o Ex.mo Sr. Presidente não pode deixar de fazer sentir á Câmara Municipal.⁶³

Também os moradores da rua Áurea, protestavam contra o costume de um vizinho que:

[...] é useiro a dissolver em vasilhas seus maus aromas e lançá-los à rua do alto das janelas, com o que nem só emporcalha a rua como também os vizinhos são obrigados com semelhante procedimento a sofrerem esse desagradável cheiro.⁶⁴

Falas protestavam pela imprensa das condições urbanas e apontavam irregularidades nos usos e costumes da população. Práticas cotidianas antes costumeiras tornam-se objeto de questionamentos. O poder público, em Desterro, respondia a estes campos de tensões com a remodelação do espaço urbano.

Em 1837, com 50 candeeiros, foi iniciada a iluminação pública. A cultura ganha seu espaço com a criação da Biblioteca Pública, em 1855. A limpeza urbana, com a concessão dos serviços de remoção em 1884, tentava melhorar o aspecto da cidade. O mercado público é inaugurado em 1851. O Hospital de Caridade, fundado em 1 de janeiro de 1789, foi reformado em 1856. Em 1885, delineia-se o projeto de ajardinamento, apenas a parte superior da Praça Barão da Laguna. O aterro das ruas centrais processou-se em 1830.⁶⁵

A ocupação do perímetro urbano pelo comércio e pela elite desterrense foi operacionalizando, gradualmente, o deslocamento da população despossuída. A esta coube as encostas dos morros que circunvizinhavam a cidade. "Afiml, a população pobre foi, aos poucos, deixando as ruas centrais, caminhando para a periferia da cidade, num passo bastante lento, mas constante, ininterrupto".⁶⁶ Fazendo com que os cortiços se multiplicassem nos bairros mais pobres: da Toca, da Pedreira, da Figueira e parte da Tronqueira. "Para o rico, o ar, a luz, o horizonte desimpedido, o retiro do jardim; para o pobre, o espaço fechado, sombrio, os tetos baixos, a atmosfera pesada, a estagnação dos fedores".⁶⁷

Os viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha no decorrer do século XVIII e primeira metade do século XIX, ao registrarem seu olhar pela cidade, deixaram, em uma série de relatos, suas impressões referentes ao aspecto de salubridade da Ilha de Santa Catarina. O inglês George Anson chegou à Ilha em 1762, quando Governava neste período o Brigadeiro José da Silva Paes. Anson relata que a Ilha possui um aspecto insalubre, proveniente do ar abafado e úmido provocado pelos vapores. O viajante inglês John Mawe, em 1807, apresenta a Ilha como um lugar de "[...] grandes zonas pantanosas, por onde se abriram extensos caminhos sobre estacas".⁶⁸ Dom Pernetty, que esteve na Ilha em 1763, explica que a palidez da população branca em Nossa Senhora do Desterro é provocada pela insalubridade, pois: "O ar insalubre deste clima é verdadeiramente a causa da palidez dos brancos que ali habitam [...]".⁶⁹ O russo Vassili Golovnin, em 1808, relata que as desvantagens encontradas pelos navios, na Ilha de Santa Catarina, "[...] se dão no término do verão, pois é quando as doenças epidêmicas aparecem".⁷⁰

Observemos que, na perspectiva do olhar dos viajantes, a Ilha de Santa Catarina é descrita como território propício à insalubridade. Alguns dados,

como, por exemplo, o surgimento de epidemias nos meses de verão, superfície composta de lagoas, montanhas, pântanos e planícies conferem com alguns dados encontrados nas obras de Oswaldo Rodrigues Cabral, João Ribeiro de Almeida e nos jornais publicados no decorrer do século XIX. Não podemos esquecer que ambos autores aqui mencionados eram médicos com visões e concepções higienistas e que a imprensa, em Desterro, foi grande instrumental utilizado pelos modernistas na veiculação de saberes que difundiam mudanças no espaço urbano e nos usos e costumes da população.

A pedido do Presidente da Província de Santa Catarina, o médico militar Dr. João Ribeiro de Almeida produziu um amplo relatório sobre as condições sanitárias da cidade de Nossa Senhora do Desterro – ruas, asseio público, pântanos, águas, exercício da medicina, alimentação pública, solo, praças, clima, habitações, atmosfera e polícia sanitária –, radiografando a cidade, apresentando-a em 1863, dentro de um quadro caótico. Este relatório foi publicado em 1864, com o título de "Ensaio sobre a Salubridade, Estatística e Patologia da Ilha de Santa Catarina e em particular a cidade de Desterro". Dr. Ribeiro, além de traçar uma radiografia das condições sanitárias, faz uma descrição detalhada de cada uma das moléstias mais frequentes e diagnostica a causa da insalubridade.

O testemunho do seu relato é evocado através dos bairros onde se concentra a população despossuída da cidade. São eles: da Toca, onde mora a população de pescadores ou lavadeiras, descrita como "[...] gente dada ao trabalho mas pouco amiga do asseio [...]"; da Pedreira e uma parte da Tronqueira onde se encontram choupanas de aspecto bastante miserável e que "[...] reside uma tribo de lavadeiras de condições diversas, umas livres, outras escravas (mas com permissão de residir fora de casa) e outras também de escravas que só vem lavar [...]". Quanto à população masculina desse bairro, Dr. Ribeiro é melancólico ao afirmar que ela é composta de "soldados". Finalmente, o bairro da Figueira, com uma boa aparência em relação aos outros bairros, é onde "habita grande número de Sacerdotisas da Sífilis".

Nos cortiços da Tronqueira, espécies de colméas, somente ocupadas por zangãos, são os quartos ou cubículos nojentos habitados promiscuamente por 6, 8 e 10 pessoas às vezes, sem distinção de sexo nem idade; de modo que tem aí as crenças uma famosa escola prática de imoralidade e devassidão. O beco

sujo tem mistérios bem sujos, que convém respeitar, para ocupar-me ainda uma vez com as margens do arroio da Fonte-grande, que passa pela Pedreira.
71

Ao contrário de Saint-Hilaire, que omitiu referências que possibilitassem identificar quem eram as prostitutas e onde elas moravam em Nossa Senhora do Desterro, Ribeiro de Almeida não só identifica estas mulheres, como delimita o Bairro da Figueira como território onde moravam e classifica as prostitutas que ali residem em grupos como as de "mais baixa classe". Dr. Almeida identifica ainda que estes três bairros possuem o solo "[...] impregnado como se acha de matérias orgânicas em decomposição [...]", que exposto as intempéries do tempo "exala cheiro pestilencial". Este conjunto de "enfermidades" é responsável pela insalubridade da cidade e provoca uma série de doenças Além de mostrar um quadro desfavorável da cidade, Ribeiro de Almeida traça um perfil mórbido das habitações e da população da Ilha de Santa Catarina. Descreve a cidade com suas praças, águas, ruas, praias, e terrenos abandonados como completa imundície e afirma que a paisagem não era pior porque "[...] tem o Desterro excelentes fiscais; no centro da cidade os cães e o vento Sul; nos arrabaldes os urubus [...]".⁷² Ao traçar o recorte do espaço urbano da cidade de Nossa Senhora do Desterro, o médico Ribeiro coloca a cidade como sendo o lugar da promiscuidade e da insalubridade. Como não poderia deixar de ser, coloca a cidade e a população de Desterro dentro dos preceitos médico-higienistas da época, diagnosticando e classificando como "coisa doente que precisava ser tratada".

As práticas médico-higienistas introduzidas no Brasil no início do século XIX tiveram um papel importante na remodelação dos modos de vida no espaço urbano. Em Desterro, a higienização não se fez presente exclusivamente no aspecto físico da cidade; ela perpassou pela teia do social, intervindo nas práticas socializantes dos indivíduos. Coube a ela redefinir os procedimentos corretos de urbanidade e sociabilidade da população. Já não havia, no dizer da elite e da higienização, mais lugar para que determinados procedimentos continuassem a fazer parte do convívio social. Novos equipamentos de urbanidade e sociabilidade eram introduzidos no cotidiano da população com o objetivo de "auxiliar" os sujeitos a se tornarem polidos, corteses e contidos em suas manifestações públicas. Na cartografia das intervenções médico-higienistas, no espaço urbano da Ilha e nas práticas de

sociabilidade dos sujeitos, uma das manifestações públicas que se questionava em Nossa Senhora do Desterro, neste período, era a Festa do Divino Espírito Santo, de tradição açoriana. Na Ilha, a Festa do Divino Espírito Santo era festejada no mês de junho. Em 1854, o jornal "*Correio Catarinense*", a pedido de um devoto, descreve a festa religiosa.

A algazarra que se tem feito nestas presenteiras noites, nos arredores da nossa Matriz foi ouvido em lugares muito distantes; Os Inocentes atos praticados dentro do Templo por certas pessoas, que felizmente são bem conhecidas, tem sido observados por muita gente; as maneiras delicadas com que alguns assistentes tem tratado aos músicos da folia é coisa por todos sabida; e as felizes lembranças de ofertas ao Divino Espírito Santo segredos, que quase sempre contém algum Mimo, que deixa o arrematante com a cara à banda, também não são estranhas; e o que se tem posto em prática, perante pessoas honestas, nestes leilões, onde muitas vezes não se paga o que se compra, não escreveremos por ser coisa muito notória.⁷³

A festa do Divino era organizada tradicionalmente pelos Irmãos da Confraria do Espírito Santo e patrocinada pela população. Dias antes dos festejos, os irmãos saem pelas ruas da cidade a pedir brindes acompanhados pela folia que:

[...], era uma pequena companhia de músicos de músicos e cantores, sempre pronta a entoar, de casa em casa, ou grupo delas, melodia desafinadíssima, com vozes ainda piores, acompanhadas pela detestável música arrancada de uma rabeça, uma viola e um tambor.⁷⁴

As missas e procissões, desde os tempos do Brasil colonial, eram motivos para os encontros sociais e familiares. Em Nossa Senhora do Desterro, estas festas aconteciam numa pluralidade de referências e significados. Trazia inserida dentro de si simbologias familiares, políticas, sexuais, econômicas, sociais, amorosas e culturais.

Todos acorriam às casas dos conhecidos, dos compadres, dos parentes. Já eram esperados. Já se contava com eles nessa época. [...]. Havia sempre um lugar à mesa para todos. E, para dormir, arrumava-se, dava-se um jeito. [...]. Era o colorido da cidade em dias da festa de Passos. E vinham de véspera...

Depois da comida, espalhavam-se pela cidade, em visitas a parentes, a outros compadres, a outros conhecidos.⁷⁵

Entretanto, nem todos encontravam um lugar para se abrigar na casa de algum "compadre" ou "parente". Muitos dos peregrinos vindos do interior da Ilha e do litoral continental, não encontrando guarida na casa de um conhecido, se abrigavam no interior da igreja.

[...], por todo o espaço, junto aos ângulos dos altares, às colunas, formavam-se os grupinhos, sentados no chão, as mães aninhando os filhos como pudessem, nas dobras da saia, fazendo dos joelhos travesseiro, [...], até o raiar do dia.⁷⁶

Segundo Alain Corbin, o progresso da individualização dos sujeitos difundido no século XIX é acompanhado pelo sentimento de vulnerabilidade: "[...] tudo isso incrementa o prestígio do encontro amoroso [...]".⁷⁷ Portanto, o espaço sacro e seus rituais tornam-se lugares propícios para o desenvolvimento dos jogos amorosos. E, entre esses rituais, o sacramento da confissão também é o lugar de acúmulo de informação e por que não um dispositivo de controle dos sentimentos femininos. Ali, a mulher de forma sutil, entre lamúrias e queixumes, coloca toda sua solidão. A intimidade feminina, a vida privada e pública eram expostas. Dessa maneira, o confessor penetra nos mais íntimos segredos femininos e, a pretexto de guiar com seus conselhos a uma vida "saudável", penetra no que acontece no leito nupcial, abrindo assim precedente, via confessionário, para a intervenção das condutas dos sentimentos femininos.

Atento ao amálgama entre o profano e o sacro, o jornal "*O Mosquito*" publica advertência diante das práticas de namoro da população da Ilha num ato de fé.

Na noite de 19, foi visto durante a procissão do glorioso Marty São Sebastião, alguns grupos de homens que talvez não lembrando-se que acompanhavam um ato religioso, iam tratando de namorar; outros a darem beliscões, outros em fim a praticarem atos indignos. O mesmo sucedeu na transladação da imagem para sua capela. Podíamos se quiséssemos discriminar os nomes, mas para não ofender sensibilidades, deixamos de o fazer. Apenas pedimos que quem não tem devoção não acompanhe procissão, e não encare

um ato religioso, como um carnaval. Seria bom que - O Ex. Sr. Bispo acabasse com essas procissões.⁷⁸

Com o objetivo de corrigir determinados comportamentos que, segundo os denunciadores, eram inconvenientes, o jornal "*O Argos*" publica advertência, assinada pelos "Os 5 estafermos":

Previni-se a certos mocinhos, que diariamente se fazem de engraçados no Adro da Igreja Matriz, exercendo-se com pretensões de ternura nos gestos dos micos, que as suas graças não tem graça alguma; e que se não deixarem de ser namora paredes, ou namorados sem ventura, que com suas asneiras e espantosos gritos que ali dão incomodam as pessoas, que moram nas proximidades, correm muito risco de participar a seus pais a sua bela conduta, para serem convenientemente reprimidos.⁷⁹

Em Nossa Senhora do Desterro, segundo o olhar das autoridades, as festividades subvertem as regras, as normas e a etiqueta. E, em função destes desvios de comportamento, as autoridades entendiam que era preciso restaurar mecanismos de policiamento dos hábitos e dos costumes. Não podemos esquecer que, na ótica dos moralistas do século XIX, as mulheres tinham grandes oportunidades nas idas às igrejas para exibirem-se ou seduzir.

Na Ilha de Santa Catarina, a imprensa possibilitou uma constante vigilância e controle sobre os sujeitos no espaço urbano. Esta vigilância era invisível na medida em que os anúncios, notas, pequenas denúncias ou ameaças, na sua grande maioria, eram assinados por pseudônimos. A imprensa na Ilha tornava-se, portanto, um meio para exercer a vigilância, correção e o controle sobre fazeres pertinentes ao cotidiano da população. Ao intervir nos campos de tensões, a burguesia em ascensão diagnosticava as mazelas do urbano. Ao veicular uma série de informações a respeito dos hábitos e costumes da população da Ilha e simultaneamente transcrever informes e artigos científicos, peças literárias e notícias publicadas em outros jornais, a imprensa local buscava o cientificismo como suporte de "verdades" nas intervenções sobre a cidade e sobre as práticas cotidianas locais. A intervenção exercida pela imprensa atingiu, de forma sistemática, outra prática socializante em Desterro.

Regulamentar as práticas e normatizar os comportamentos dos sujeitos, diante de si e diante do outro, parece ser a função do programa carnavalesco. Na esfera pública burguesa tornava-se necessária a convivência pública e que esta fosse disciplinada por um código ético de sujeição diante da norma. Esse novo código ético requeria um reconhecimento dos equipamentos introduzidos pela elite desterrense no espaço público.

Ao tomar sobre si a responsabilidade de civilizar a cidade para converter em espaço higienizado, os médicos incorporaram como objetos de investigação todas as possibilidades e situações. Incluindo aí, a visibilidade da mulher, onde recai sobre ela toda ordem de suspeita no espaço público. Nesta perspectiva, as práticas médico-higienistas tiveram papel preponderante na remodelação e redefinição dos modos de vida da população feminina. A constituição de uma verdadeira conduta afetiva que orientasse as mulheres no seu cotidiano teve, no saber médico, um dos seus principais fundamentos. Maria Angela D'Incao⁸⁰ tem, por hipótese, que ao longo do século XIX, no Brasil, o conceito de sexualidade e de amor sofreram rupturas de entendimento e de significados. Uma dessas rupturas se encontra no "[...] afastamento dos corpos dos que se amam, os quais passaram a ser mediados por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico".⁸¹ Estas prescrições sob o amor e sob as formas de amor tinham o intuito de intervir nas determinadas práticas afetivas femininas consideradas como inconvenientes ao perfil de esposa-mãe idealizado pelo discurso higienista.

No caso específico das mulheres da Ilha de Santa Catarina, o comportamento "estranho" vai compreender todas as atividades e posturas que não se enquadrassem no perfil de esposa-mãe idealizado pelo discurso higienista. A incorporação da mulher como objeto do saber e do fazer médico situava-se num universo discursivo complexo, marcado não só pelas continuidades e descontinuidades que se expressavam no campo discursivo-médico, mas, também pelas ambiguidades localizadas no âmbito do ideário burguês.

Detentor da verdade científica, o médico reivindica para si o papel de orientador do processo de constituição da mulher-mãe, enquadrada nos padrões higiênicos e de sociabilidades de conteúdo burguês.

Recortes da mulher saudável, mãe, esposa, amante eram veiculados pela literatura médica e imprensa. A moral era questionada e os hábitos reformulados de acordo com os interesses da elite em ascensão. A mulher, a maternidade e o amor foram temas corriqueiros no cotidiano das páginas dos jornais. O romantismo proliferava nos textos que prescreviam sobre as mulheres e o sentido da maternidade:

É o coração de uma mãe a fonte mais pura da ternura. É o depósito mais sagrado dessa chama, que diviniza a mulher, e a faz credora da mais sublime veneração na escala social. Eis em fim definido...; mas que digo? Às palavras são poucas para que possam da alma narrar os sentimentos. Quem justamente poderá descrever o estado do coração materno nos transe da saudade quando ao separa-ser de um filho, a quem consagra tantos títulos de amor, vai representar a cena despedida. ⁸²

Não podemos deixar passar despercebida a diferenciação colocada pelos médicos entre as várias concepções de amor.

[...] chamam amor a essas fantasias de imaginações febris, que as fazem perseguir quimeras, almejar essa ridícula união de corações em que o corpo não entra, que os abrasa com esse amor em que se ama só por se amar, esse sentimento que se nutre de si mesmo, de tristes suspiros, e que é edificado sobre a abnegação, tal é o amor romântico, esse místico e apaixonado delírio. ⁸³

É através da perspectiva médico-higienista do século XIX, que a mulher passou a sofrer uma série de intervenções no seu comportamento afetivo. Estas intervenções foram possíveis na medida em que as práticas de governo sobre os sujeitos se tornaram obsoletas no decorrer do Brasil Colonial. Neste caso, " [...] o instrumento adequado ao controle da vida íntima deveria, portanto, ostentar insígnias de poder e saber sobre a moral". ⁸⁴

O verdadeiro amor, preconizado pelos médicos, não negava o amor instintivo. Ao contrário, ele vinha acompanhado de um pragmatismo inserido na moral.

O amor verdadeiro, o material, é esse sentimento instintivo, irrefletido, essa voz eloquente e poderosa, essa inclinação irresistível e indomável, que

nos aponta, nos arrasta para a mulher capaz de nos felicitar; para a mulher cujo corpo e alma resumem todas as qualidades, todos os predicados que carecemos, e cuja organização é conformada de modo que, ajustando-se à nossa, possa assim produzir esse todo cujo fim é a conservação da espécie, perpetuidade do universo, harmonia dos seus órgãos. ⁸⁵

Neste sentido, no decorrer do século XIX, em Nossa Senhora do Desterro, a imprensa torna-se o instrumental de veiculação não só do discurso de modernização e disciplinarização do espaço urbano, mas, também, da clivagem das condutas femininas, através de artigos, romances em folhetim, poesia, anúncios, notas e advertências que neste período se caracterizavam por corrigir os comportamentos sociais e afetivos das mulheres, construindo, com isto, a pedagogia dos sentimentos difundida no século XIX pelo discurso médico-higienista. Nesta perspectiva, a virtude feminina era exaltada através da imprensa na Ilha de Santa Catarina.

A mulher.- Moralmente falando, a mulher é um cântico eterno de Deus; é uma harmonia de anjos; e o nascer perpétuo da aurora; é murmurador do arroio que serpeia em torno á rosa espontânea que ao pé da fonte nasceu; é maná dos israelitas cristalizado; é o oásis no deserto da vida; é o sonho do poeta; é o despertar do crente; é a esperança do ambicioso; é Gênesis da religião universal; é a seita geral de todos os países; é a imagem esculpida no crânio de todas as raças; é a vida a cabeceira do agonizante; é Única saudade que o homem leva para o túmulo; é o azul do céu que alenta o naufrago no meio da tempestade; é a brisa da manhã que perpassa o rosto afogueado do que arde em febre; é...é...é... ⁸⁶

Também apareciam nas páginas dos jornais locais, conselhos às casadas, informando maneiras de governar uma família.

Antecipadamente deve convencer-se de que a dois meios de governar uma família: um pela expressão de vontade, que pertence à força, o outro pelo irresistível poder da doçura, que é muitas vezes superior a força. ⁸⁷

No refinamento do modelo de mulher, apregoado pelas normas médicas de higienização, as atitudes habituais estavam sujeitas a correções através da imprensa. Em 1888, publicou-se em "*O Mosquito*" que:

Pede-se a uma moça moradora à rua da carioca, o favor de quando ralar com o seu namorado, tenha mais um pouco de atenção; ao menos com a família defronte, o antes puxe-lhe as orelhas e não grite tanto. Tome cuidado. ⁸⁸

Advertências sobre os comportamentos femininos através da imprensa eram uma constante. Como esta publicada no jornal "*Correio Catarinense*" chamando atenção de algumas "moças" sobre a molestação de seus "cachorrinhos".

As moças dos cachorrinhos da rua Menino Deus, bom seria que deles se desfizessem. Pois os tais cachorrinhos a todos que por ali passou atacam e também dão a sua dentadinha, mesmo na presença de suas Sras, que muito se regozijam do fato. ⁸⁹

Com o intuito de corrigir determinado comportamento, um anônimo identificando-se apenas como "O Fujão", através da imprensa, denunciava a presença de uma viúva que se encontrava acompanhada de suas filhas, durante um sarau realizado em uma das tabernas da Ilha.

Ficamos em grande confusão em um sarau a que assistimos no dia 25 do corrente mês em uma das tabernas da rua do Príncipe, por ver uma viúva com suas filhas que se tem por... Seria bom, e nos lhe pedimos não continuem por que pode perder a amizade, que lhe é conveniente, e por que fica feio... ⁹⁰

Interessante crônica publicada pelo jornal "*O Argos*", com o título: "Novo método de ir a bailes sem convite", assinada pelo "Kikiriki", em que narra as artimanhas de uma moça para participar de um baile.

Uma dama, moçoila, mui presumida, e que morre por casar, sabendo em determinado dia que tinha de haver um baile, bebia os ares para ir á ele, afim de ver um gentileman de sua predileção que lá devia achar-se, mas como não o podia fazer por não ter recebido convite, estudou um meio fácil de conseguir o seu intento. Hei-lo: Na tarde do dia do baile, e já quase ao anoitecer, preparou-se como uma coquete, e foi visitar certa amiga, vizinha da casa do baile, que estava convidada, a qual logo que a viu em casa, adivinhou-lhe o

pensamento, mandando recado á vizinha que levaria em sua companhia a tal amiga, esta fez prevenir a família que ficava nessa noite com a amiga, por esta lhe pedir, já se sabe, e assim a tal moçoila conseguiu bailar, conversar, e namorar toda a noite ao predileto. Sem ser convidada, e nem a família saber! A loção é excelente: o barrete um tanto apertado; mas não deixará de servir a alguém.⁹¹

Apesar dos controles maternos em dias de bailes, havia sempre a oportunidade para certos acontecimentos amorosos, como este denunciado por "Tabaco e Tigela".

Previne-se às mães de família que vão a bailes de evitarem suas filhas namorarem a homens casados, como uma mocinha que eu cá sei, que, para ter entrada nos bailes, vê-se forçada a namorar um homem casado, e como vejo que isto não é próprio para a reputação de uma moça, por isso previno por este anúncio, para não continuar a praticar semelhantes abusos.⁹²

A conduta masculina também estava sujeita à intervenção da imprensa, como estratégia para a criação de referências: "Pede-se ao Sr. chegador de cavalo, que deixe de criticar da vida das moças da rua da Carioca, coma sua sopa bem calado, e não seja cacete, lembre-se que é casado".⁹³ Críticas ao comportamento masculino também faziam parte da estratégia pedagógica das clivagens das condutas. Insinuações jocosas, muitas vezes, eram veiculadas pela imprensa.

Com o sugestivo título: "Quem me avisa meu amigo é", o jornal "O Comercial" adverte sobre a conduta de certo "Mergulhão".

Previne-se ao Mergulhão que deixe de rondar à noite certa casa, pois a continuar com a espionagem ficará sem orelhas; lembre-se, o Mane coco daquela tarde, no caminho - do José Mendes -, onde um soldado o fez untar cebo nas canelas, e dar, toda a força á maquina das gâmbias, deixando e abandonando mulher e filhos, contentando-se apenas com gritar, de vez em quando.⁹⁴

Vimos que a imprensa, em Nossa Senhora do Desterro entrevistou conjuntamente com a elite em ascensão de forma sistemática nos costumes da população em vários aspectos do cotidiano. Através dela, veiculou-se uma

pedagogia de práticas de urbanidade e sociabilidades que interferiu nos fazeres dos sujeitos. Tanto em nível do privado, como a nível público, os sujeitos tiveram seus costumes contestados por um saber médico fundamentado no aspecto da urbanidade e sociabilidade. Talvez o impacto desta intervenção pedagógica sobre os usos e costumes do viver da população da Ilha de Santa Catarina e, em particular, das mulheres, encontre-se exatamente na maneira de como as falas discursivas masculinas operaram diante das práticas afetivas femininas, em Desterro.

Falar de uma suposta mulher sedutora na Ilha nos séculos XVIII e XIX, parece ser tarefa que perpassa por todos setores da vida social da Ilha. Mas afinal, que vozes formularam a mulher sedutora de Nossa Senhora do Desterro?

Nossa hipótese é de que estas vozes atendiam a um saber determinado que por sua vez correspondia aos interesses de um segmento perfeitamente localizado na teia que constituía o social. Neste período, identificados por funcionários públicos graduados, comerciantes ávidos de progresso e modernidade, militares de patentes, políticos, profissionais liberais, jornalistas e literatos que no decorrer do século XIX, como demonstra a historiografia, defendiam mudanças de hábitos e costumes da população.

Foi através das propostas higienistas de uma medicina da moral, que possibilitou a intervenção pedagógica sobre os sujeitos. Operacionalizando conceitos, a higienização tinha respostas para os vários aspectos ditos problemáticos oriundos do período colonial. A inserção no conjunto da sociedade de uma nova moral vinha acompanhada de um poder sobre o urbano e sobre os comportamentos afetivos da população. Inseria-se, através da arte de governar, um conjunto de habilidades, de táticas e técnicas que possibilitaram a normatização do espaço urbano e das práticas de condutas da população.

Na Ilha de Santa Catarina, através destes dispositivos, as mulheres vão ter suas práticas afetivas vigiadas e controladas por vários agentes do saber. Coube ao discurso médico-higienista oferecer os instrumentais teóricos para que esses agentes pudessem, em nome da moral, administrar e operacionalizar as práticas afetivas em Nossa Senhora do Desterro no decorrer do século XIX.

"A medicina moral, como o nome sugere, seria a especialidade médica que, por delegação científica, teria direitos sobre a moral dos indivíduos". ⁹⁵

CAPÍTULO III: A mulher na literatura desterrense no século XIX

Em 1769, o Governador de Santa Catarina, João Alberto Miranda Ribeiro, foi consultado pelo vice-rei, Conde de Azambuja, que desejava saber se havia letrados na Capital da Província. E se houvesse, que o governador os “[...] propusessem para Juizes de demarcações de terras e sesmarias”.⁹⁶ Em resposta à consulta, o governador comunicou ao vice-rei que não havia na Ilha “letra de formados”. Isto é, não havia na Capital, pessoas portadoras de diplomas em qualquer área do conhecimento, o que não significava dizer que não existissem letrados em Desterro.⁹⁷

O cenário cultural de Nossa Senhora do Desterro no decorrer do século XIX, era formado pelo Gabinete de Leitura, criado em 1831⁹⁸, Liceu Provincial, Biblioteca Pública, ambos fundados em 1855 pelo Presidente da Província Dr. João José Coutinho, Teatro Santa Isabel, criado em 1857, e por uma imprensa iniciada em 1831 com a fundação do jornal “O Catarinense”, por iniciativa de Jerônimo Francisco Coelho, tendo seu primeiro número circulado em 28 de julho de 1831. No ano seguinte, apareciam os jornais “O Expositor” e “O Benfazejo”. Completavam ainda o ambiente cultural desterrense, jornalistas, cultores das letras, artistas plásticos, músicos e escritores ligados a algumas sociedades dramáticas amadoras.

Ao que tudo indica, na Ilha de Santa Catarina, a grande maioria da população era analfabeta. Segundo o recenseamento geral de 1872, habitavam na cidade de Nossa Senhora do Desterro 9.108 pessoas. Em todo município havia 25.073 almas, sendo 20.636 analfabetos e 5.073 consideradas como “sabendo ler e escrever”. Em 1890, o quadro era o seguinte: para uma população de 30.687, computados aqui os moradores da cidade e da Ilha,

existiam 23.676 que não liam nem escreviam, sendo que 7.011 foram inseridos na faixa dos que sabiam ler e escrever.⁹⁹

As problematizações emergentes sobre o urbano na primeira metade do século XIX correlacionaram-se a uma diversificação da figura da mulher. Ora era vista como sedutora, namoradeira e vaidosa, ora como esposa, filha e mãe. Estas configurações surgiram no limite e no duelo entre o profano e o sagrado.

A verdadeira condição da mulher, apregoada pelo saber médico higienista, teve na literatura romântica e em outras expressões culturais o seu agente veiculador. Nesta perspectiva, os romances e as peças teatrais ao difundirem a pedagogia dos comportamentos atendiam aos interesses da burguesia ascendente no Brasil. Em Nossa Senhora do Desterro, no decorrer do século XIX, eram veiculadas pela imprensa as diversas manifestações artísticas que expressavam a educação sentimental introduzida pelo romantismo.

Não encontramos, no transcurso da pesquisa, evidências que possam atestar ter havido, através da imprensa, uma campanha contra as práticas afetivas femininas na Ilha de Santa Catarina ao longo do século XIX. No entanto, podemos verificar a ocorrência de uma série de pequenas advertências que informam sobre o que poderiam ser as práticas de sociabilidade da mulher de Nossa Senhora do Desterro.

Pede-se a uma moça moradora à rua da carioca, o favor de quando ralar com o seu namorado tenha mais um pouco de atenção; ao menos com a família defronte, ou antes puxe-lhe as orelhas e não grite tanto. Tome cuidado.¹⁰⁰

E entre as manifestações artísticas em Desterro, a música foi, no dizer de alguns viajantes estrangeiros que nela estiveram no decorrer dos séculos XVIII e XIX, um dos espaços da visibilidade feminina.

Miguel de Brito, que esteve na Ilha em 1797, ficou surpreso de encontrar aqui boa música e principalmente de encontrar mulheres que “[...] sabem cantar, tocar algum instrumento de cordas, e dançar”.¹⁰¹ Langsdorff (1803) comenta que a noite em Desterro era movimentada. As famílias se reuniam em

pequenos grupos para cantar e dançar. Acompanhados por uma música expressiva e agradável.¹⁰² Otto von Kotzebue (1815), ao relatar o cotidiano da população, tece elogios à alegria proporcionada pela música de uma “dupla de violino e flauta” que contagiava os viajantes.¹⁰³

É nas residências de algumas personalidades do mundo social desterrense, ou nos teatros, que, segundo Cabral, a música contagiava os ouvintes e conquistava novos adeptos. Entre estes, as mulheres que cada vez mais participavam ativamente das muitas sociedades musicais surgidas neste período. Nos concertos que ocorreram na cidade de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, a presença feminina na condição de músicas se tornou uma constante. Em 1875, as mulheres se fizeram presentes em vários concertos: Maria da Silveira Hautz, Ana Lucinda Macedo Maia e Fanny Riedel (soprano), além de Helena Kirbach, Maria José Alves de Brito, Isabel Medeiros e Beselissa da Conceição Pamplona. Todas elas eram também pianistas:

[...] raro era a casa de gente da classe média que não tivesse o seu piano.[...]. Possuir um piano era o desejo de toda gente. Era sinal de prosperidade. De educação. De bom gosto e finura. E um piano na sala dava status social a quem o tivesse.¹⁰⁴

No transcurso do século XIX, surgiram na Ilha de Santa Catarina vários grupos musicais. Entre eles destacamos: “Paraíso Desterrense”, fundado em 29 de setembro de 1861. “Sociedade Harmonia-Lírica”, em 21 de maio de 1876; em 1878 “Clube Musical 19 de junho”; “União Musical” em 1858, e “A Sociedade Euterpe 4 de Março”, em 1867, que trazia no seu repertório composições de Liza, Verdi, Rossini e Donizetti. A Sociedade Euterpe 4 de Março era frequentada pela “fina flor” da sociedade desterrense. Moças e senhoras.

Exibiam seus dotes instrumentais e vocais moças da mais alta posição social, como Das. Guiomar Esteves, Baselissa Pamplona, Fanny Boethgen, Chiquinha Sousa e Melo, Zélia Costa, as filhas do maestro Hautz, netas do cirurgião Tomás Silveira de Souza e outras. Muitas eram já casadas, outras ainda na esperança de um matrimônio.¹⁰⁵

Os atavios e o luxo das mulheres que pertenciam a esta sociedade tornou-se um problema para a diretoria, pois inibia a participação de outras mulheres talentosas, mas de condições financeiras de menor abrangência. Para evitar o “luxo excessivo” de certas damas, a diretoria, “em aviso público” de 12 de dezembro de 1877, solicitava às senhoritas e senhoras que comparecessem com vestuários mais modestos. Fato que mereceu do jornal “O Conservador”, elogio em seu editorial. “[...], pois, assim, outras jovens senhoras e senhoritas, de educação, mas de posses menos avultadas, sentir-se-iam menos acanhadas frente às que se exibiam com demasiado requinte”.¹⁰⁶

O gosto pelo luxo das mulheres de Nossa Senhora do Desterro se fazia presente em todos os acontecimentos sociais. Auguste de Saint-Hilaire em sua viagem pela província de Santa Catarina (1820) observou que:

As mulheres mais ricas da cidade acompanham a moda do Rio de Janeiro, que por sua vez segue a da França. As mulheres do campo, que não trabalham fora de casa e em nada se parecem com as nossas camponesas, [...], todas elas, sem exceção, usam vestidos de chita ou de musselina e um xale de seda ou de algodão; os cabelos são arrepanhados no alto da cabeça e presos com uma travessa, e muitas vezes enfeitados com flores naturais. Durante a semana elas usam apenas os sapatos, mas aos domingos calçam meias também; nos dias das grandes festas religiosas poucas são as que vão à missa sem estarem calçadas com sapatos forrados de damasco (1820). [...], elas fiam e tecem, mas de um modo geral empregam o que ganham unicamente para satisfazer o seu gosto pelas roupas bonitas.¹⁰⁷

Dom Pernetty (1763) já afirmava que as mulheres da Ilha se vestiam de acordo com a moda europeia:

Estes xales as portadoras os arrumavam à moda do hábito das carmelitas: um ângulo ao meio das costas e a ponta oposta cobrindo a cabeça. As outras pontas, depois de cobrirem os braços até o cotovelo, cruzavam-se sobre o peito, à moda do mantelete das damas francesas. Mas havia quem passasse as pontas pelas axilas, deixando de fora o peito, modo muito incômodo, dizia o monge itinerante.¹⁰⁸

Um cronista social da época encantadíssimo com o “charme das mulheres belas” que compareceram a um dos primeiros bailes realizados na casa do

governador, em julho de 1869, registra seu entusiasmo diante do luxo ostentado pelas mulheres da Ilha: “[...] compareceu o alto mundo, em massa, ostentando o que havia de melhor em matéria de vestidos, casacos e joias”.¹⁰⁹ Levado pelo entusiasmo do acontecimento social e pela elegância feminina, o cronista acrescenta que elas eram “[...] o elo que nos prende à existência, o bálsamo consolador que nos santifica o sofrer”.¹¹⁰

Comenta Cabral que:

Desde os tempos coloniais que a sociedade desterrense mereceu elogios de quantos puderam penetrar na sua intimidade. Todos foram unânimes em tecer elogios à grã-finagem do Desterro, mesmo quando dela havia apenas um pequeno círculo bastante reduzido e de pouca significação. E, tais elogios, tais referências lisonjeiras, não raro se fizeram na base de comparação com outros centros, outras comunidades que na base da comparação com outros centros que não lhes pareceram superiores, antes, bem ao contrário.¹¹¹

Mas, não só de música vivia o ambiente cultural da Ilha de Santa Catarina. Neste período, o teatro também fazia parte das manifestações artísticas. No século XIX, a cidade de Desterro possuía as seguintes sociedades dramáticas amadoras: Sociedade Dramática Fênix Catarinense (1868), Sociedade Recreio Dramático (1864), Sociedade Dramática Particular União Artística (1840), Sociedade Dramática União e Harmonia (1866), Sociedade Dramática Particular União dos Artistas (1873), Sociedade Dramática Particular União dos Estudantes (1878), Sociedade Dramática São Pedro de Alcântara (1840), Sociedade Dramática Particular Juvenil Catarinense (1852), entre outras. Algumas destas sociedades dramáticas tiveram um período de existência relativamente curto. Uma das peculiaridades destas sociedades dramáticas amadoras era a ausência da mulher no seu quadro de atores. Os papéis femininos eram interpretados pelo sexo masculino. Altino Flores argumenta que foram os atores amadores, José Cândido Capela e Alferes Secundino de Melo e Silva, que se destacaram na interpretação de papéis femininos. Cabral formula a seguinte hipótese para ausência feminina na arte cênica da cidade de Nossa Senhora do Desterro.

Vale apenas salientar que muitas destas sociedades dramáticas particulares não contavam com elementos femininos no seu ‘cast’, para representar os papéis destinados a elas. Não era próprio para moças e senhoras de famílias,

os pais e maridos não consentiam que as filhas e esposas fizessem de cômicas, com requebros, declarações de amor, e outros parangolés pelo estilo... E, gente duvidosa não seria admitida para contracenar com os rapazes de ‘bem’, que eram os amadores da época. ¹¹²

Nas frases recheadas de imagens românticas os dramas e comédias provocavam situações comovedoras, ferindo a alma dos espectadores. É a partir da segunda metade do século XVIII que o drama burguês busca transformar a arte declamatória: desenvolvendo a intriga, a busca do terrível e do patético. Tratava-se de buscar na emoção o modo de como o público responde às transformações do condimento das sensibilidades. ¹¹³ Nesta perspectiva o teatro funcionava como instrumental pedagógico para o refinamento das sensibilidades individuais e coletivas. “Os prantos vertidos em comum selam uma espécie de pacto social de sensibilidade, que faz do teatro um tipo de assembleia política”. ¹¹⁴

O drama romântico buscava na tragédia cotidiana dos sujeitos sua temática. O realismo invade o cenário: Amores impossíveis, naufrágios, sofrimento dos negros nas senzalas, mulheres e suas inquietudes e outras inverosimilhanças para retratar toda uma desordem social e moral. No refinamento das sensibilidades que se operava na sociedade desterrense, o teatro possibilitou à elite desterrense veicular, indiretamente, normas pedagógicas de comportamentos nas práticas de condutas da população, e em particular nas práticas afetivas femininas, pois era de bom tom que:

[...] uma donzela baixaria sempre os olhos quando falasse, a não ser que fosse uma despudorada ou que a atriz estivesse representando muito mal o seu papel. Mesmo as ‘sabidas’, as ‘sabichonas’, não ousariam levantá-los ao noivo escolhido pelos pais, embora já estivessem entregues a outros amores. ¹¹⁵

Nesta perspectiva, poder-se-ia dizer que o teatro na Ilha, respondia aos anseios da incipiente elite que no transcurso do século XIX patrocinava a remodelação do espaço urbano e a clivagem das condutas da população. Ao mexer com a sensibilidade e as emoções dos sujeitos, a dramaturgia da época inseria novos signos de comportamento público. Na Ilha de Santa Catarina, era comum ao espectador chorar em público diante dos infortúnios dos “sujeitos” colocados em cena.

Eram apreciados, no século, estes dramalhões, cheios de situações tocantes, comovedoras, ferindo a alma dos espectadores que não se envergonhavam de deixar correr, barbas abaixo, lágrimas abundantes. Era a prova de serem pessoas de sentimentos... Homens e mulheres choravam na plateia e, tanto melhor a peça, quanto maior excitação provocava às glândulas lacrimais - tanto mais gabado o ator que pusessem maior ênfase às frases românticas e criasse as mais pungentes situações. ¹¹⁶

Neste sentido, a dramaturgia em Nossa Senhora do Desterro, correspondia aos desejos da burguesia em ascensão, em sua busca por uma tipologia correspondente à imagem social por ela introduzida no conjunto da sociedade desterrense. A literatura, a música e o teatro se revelaram como instrumentos estratégicos junto aos anseios da elite para remodelar as práticas de sociabilidade da população e especificamente da mulher em Nossa Senhora do Desterro, no século XIX. Buscava-se neste período, através da arte, dispositivo que auxiliasse na clivagem das condutas, ao mesmo tempo que se operacionalizava intermitentes reformas urbanas. Tratava-se de buscar um equilíbrio entre o tolerável e o intolerável no espaço público. A elite emergente oriunda da burocracia administrativa, comercial e militar, e, em parte, por setores ligados à terra ditavam formas de ocupação de territórios de sociabilidade.

O jornal “O Argos” em suas páginas, no ano de 1861, publica um artigo sobre o “Teatro Catarinense” em que a importância da arte, na modelação das condutas, foi preconizada.

Incontestavelmente, o teatro é o termômetro do grau de civilização de um povo. Aí, de um relance de olhos se pode julgar da índole, da instrução, da civilização e mesmo da moral pública e doméstica do espectador. Afora o abuso que se possa fazer do teatro, é ele uma escola animada, que num só quadro nos mostra a luta das paixões e o triunfo da virtude sobre o crime. O que não sentimos com a leitura de um livro, sentimos ao ver uma representação. Em Santa Catarina há dessa notável tendência para a civilização por meio do teatro. O espírito de associação para representar suspende-se por algum tempo, mas nunca se extingue. Um teatro material é, pois, uma

necessidade para desenvolver o teatro moral, escola de costumes e de instrução. ¹¹⁷

Na medida em que os espaços privados iam deixando de ser públicos, iam sendo introduzidos no espaço social dos sujeitos e da cidade novos equipamentos de encontros sociais e de convívio cotidiano. Os clubes sociais surgiam gradativamente e ocupavam os antigos espaços particulares de apresentações. “Os salões particulares foram, aos poucos, fechando as suas portas, ao mesmo tempo em que os clubes iam abrindo as suas, acolhendo mais gente, recebendo maior número de frequentadores”. ¹¹⁸

O surgimento dos clubes sociais, desde a segunda metade do século XIX, além de possibilitar à burguesia ascendente um aprendizado constante de requinte nas relações sociais, tinham como função regulamentar as práticas e normatizar os comportamentos dos sujeitos diante de si e diante do outro. Neste sentido, as associações propiciavam o espaço ideal para o exercício destas novas formas de sociabilidade. Esta parece ser uma das funções dos clubes sociais no decorrer do século XIX. Nesses salões praticava-se a música, as danças, os saraus literários, os bailes e comemorações, representando o ponto alto da vida social da elite desterreense:

As danças mais conhecidas eram as Habaneiras, as Varsovianas, as Mazurcas, os Schottiches, as Valsas, as Polonaises e as Quadrilhas. [...]. As damas e senhoritas - as Belas, como então se dizia - sentavam-se em cadeiras alinhadas ao longo das paredes dos salões e os marmanjos agrupavam-se à entrada - elas nos seus melhores babados, pufes e outros panejamentos volumosos e abundantes - eles nas suas sobrecasacas, de luvas e calças brancas e escarpins de verniz. As meninas-môças, como sempre, em todas as eras, segredando suas confidências às primas e amigas; as velhotas, fofocando, reparando os vestidos alheios, os namoricos das conhecidas, os modos desta ou daquela, sem tirar o olho da própria prole feminina, que a rapaziada era afoita-pela frente, como cara de songa-monga, muito respeitosa mas, ao menor cochilo da velha, já se sabe, dava o seu apertinho de mão, ou “chegava mais para perto”, quando o código da ética e da moral recomendava, nas contradanças, um espaço vazio, livre e desocupado, entre os pares, de, pelo menos, meio metro. ¹¹⁹

Na esfera pública burguesa tornava-se necessário a convivência, e que esta fosse disciplinada por um código ético de sujeição diante da norma. Dessa maneira, a pedagogia da sociabilidade era introduzida no cotidiano da população através dos códigos de condutas que regulamentavam o funcionamento das associações culturais, sociais, musicais, dramáticas e outras. Esse novo código ético requeria, não só o aprendizado, mas um reconhecimento dos equipamentos introduzidos pela burguesia no espaço público dos sujeitos. A simbologia da diferenciação desta forma não se encontrava só nas práticas discursivas mas se materializava na existência do dia-a-dia da população.

A disciplinarização do espaço urbano e social operacionalizado em Nossa Senhora do Desterro, através do tempo, e que culminou com o “fechamento” da sociedade desterrense, tornou-se um dos dispositivos de controle sobre as práticas afetivas femininas.

[...] essa acentuada acessibilidade, essa liberdade de que gozavam as mulheres catarinenses, não durou muito. À medida que o tempo foi passando, a sociedade foi-se fechando, gradativamente, cada vez mais, e, se nos idos do século XVIII, os viajantes de certa categoria eram aqui acolhidos até com festas em Palácio, pois eram eles, de certo modo, uma raridade na terra, no século seguinte a hospitalidade não chegava mais a tais exageros... ¹²⁰

A mulher figurava como expressão sublimada para os poetas da Ilha. A poesia romântica desterrense, em muitos casos, introduzia uma concepção erótica - sensual capaz de superar as ansiedades da paixão irrealizada. No século XIX, o amor romântico representava “A configuração de um sentimento amoroso, as condutas que ele inspira, revelam ao mesmo tempo os sonhos eróticos e as tensões que a sociedade atravessa”. ¹²¹

Nesta perspectiva, o estado emotivo conduz a linguagem a se manifestar diante do ser pretensamente amado. Muitos dos poemas publicados na imprensa desterrense deixam transparecer a sensualidade cheia de sublimações, perdida entre os sonhos, devaneios e desejos irrealizados. Buscando elementos da natureza, ou a divindade para expressar seu sentimento, o poeta desterrense manifesta o amor e o desejo pela mulher amada. O século XIX irá buscar na mulher o anjo bom, protetora, piedosa e nascida para a benemerência. Neste sentido, a mulher aparece como

mensageira do ideal. Mas, buscando no sistema das representações, no final do Antigo Regime, os artistas da segunda metade deste século enfocam e dão ênfase ao enigma da feminilidade. A educação sentimental, introduzida pelo romantismo, modifica atitudes e hábitos amorosos. O amor romântico estabelece novos procedimentos de liberação.

Os romancistas, especialmente Zola, farão com que este inquietante modelo de devoradora se insinue até o ambiente popular dos subúrbios. Para os homens da época, atormentados pelo medo da mulher, mais do que nunca é preciso aplacar a sexualidade da companheira e submetê-las à ordem masculina.¹²²

Ao mesmo tempo em que desnuda o pudor feminino, o amor romântico o eleva à sublimação das sublimações. A mulher, símbolo da castidade e da pureza, torna-se o Ideal a ser perseguido. Paul Hoffmann ao tratar do amor ideal em sua plenitude diz que “[...] escapa do real e vive nas fronteiras da via onde se confundem a presença e a ausência, o rosto do ser amado e as imagens da recordação e do sono”.¹²³

Para Corbin, a literatura difundida propõe uma série de modificações e estabelece modelos de condutas e “traça itinerários espirituais” que invocam um novo sistema amoroso.

O primeiro olhar que se cruza e se demora, a longínqua música da voz, a doçura do perfume natural que se filtra através dos trajés leves asseguram a salvaguarda do pudor feminino e forjam grilhões indestrutíveis.¹²⁴

Logo após a revolução francesa, Jean-Marie Gautier ao analisar um conjunto de correspondências íntimas, nos primórdios do século XIX, encontra nestas correspondências a violência da linguagem da paixão. O duelo do amor vai em busca do limite entre o Profano e o Sagrado. A mulher divindade e angelical, sedutora e fatal duelam-se constantemente na literatura. Manuais sobre a ciência do amor proliferam. Os saberes médicos sobre a mulher e a ciência do amor prescrevem verdades, normas e condutas. A poesia, o romance e o teatro invadem a intimidade feminina, estimulando, no espectador, imagens de Anjo e Demônio, de Santa a Maria Madalena. Nesta profusão de imagens - a imagem do infortúnio - a desgraça amorosa. E com elas, novos signos surgem na superfície como estivessem pedindo passagem.

Na intimidade o ciúme emerge, provoca e arde. A perda do amor provoca soluço. Chora-se na intimidade, nos segredos da alma. O culto à morte amorosa altera comportamento e provoca o profano. O sagrado emerge no jogo lúdico da paixão.

O ‘amor perdido’ soluça; os ciúmes assumem as formas da demência; o poderio do sentimento produz a tentação da morte. Em suma, enquanto se opera a privatização das lágrimas, exacerba-se nos comportamentos o código clássico do desregramento. Mas, ao mesmo tempo, prolifera a linguagem angélica; a metáfora religiosa invade o discurso: o amante é uma criatura celeste; o culto que se devota a ele, uma adoração. ¹²⁵

A vulnerabilidade sentimental dos sujeitos manifestada pelo ‘bailar dos corpos’, impede que o sentimento se exprima na linguagem. Ele por si produz-se pelo gesto. A linguagem corporal flui signos fora de qualquer alcance da linguagem. Nesta perspectiva a linguagem romântica manifesta toda sua sensualidade através de sutilezas no dizer.

O amor físico domina o romance e a poesia. A obscenidade, a um só tempo onipresente e oculta nos volteios do texto, impõe ao leitor uma permanente decodificação que atíça o prazer da transgressão. A elipse, a lítoses, a perífrase ou ainda a metáfora convidam a imaginação a trabalhar. Assim funcionam as evocações do paroxismo do gozo. Nesta literatura, pode-se ‘tomar uma mulher’, que ‘se entrega’, então, a ‘felicidade’ - às vezes o coito, às vezes o orgasmo - é feita de ‘indizíveis gozos’, de ‘insólitas delícias’, de um ‘prazer louco, quase convulsivo’. ¹²⁶

Desvendado pelo libertino, o romance aflora os aspectos secretos da vida sexual dos sujeitos, deleitando-se nos escândalos da inversão. Lugar da metáfora, a literatura torna-se fonte para compreensão e análise dos papéis femininos.

A mulher não faz senão deixar adivinhar sua sensualidade; evita assim comprometer-se plenamente. Ademais, o novo erotismo impõe a delicadeza; autoriza todos os refinamentos, todas as complicações sensoriais. Gracioso, charmoso, o flerte permite o emprego de qualidades intelectuais e artísticas. ¹²⁷

Em Nossa Senhora do Desterro, o mundo feminino é descortinado através de uma literatura que revela uma mulher sedutora, doce, ingênua e angelical.

O poeta José Elisiário da Silva Quintanilha foi uns dos poetas Ilhéus que mais falou sobre o amor. “...Não sei! Meu coração está desperto! Domina-o... Ama-o... Ele é teu, agora...”.¹²⁸ Sílvio Pélico de Freitas Noronha, foi outro poeta desterrense a falar do amor e da desconfiança da amada diante do seu sentimento.

Eu fui por ti cantor! As minhas tardes
Eram passadas num sorrir de amor...
Inda me lembro, tanta luz eu via
Quando fitava o teu gentil fulgor
Ela tão meiga, tão gentil, formosa
talvez não crê nesse amor profundo,
E doce e bela desmentindo o bardo
Diga que louco tanto amor no mundo.¹²⁹

A contribuição feminina para a literatura desterrense poder-se-ia dizer que foi tímida. Ela só vai se tornar visível com a poetisa Laura Emília Nunes Pires, em 1871, nas páginas do jornal “A Regeneração”. Laura Emília Nunes Pires, como todos os poetas do século, buscou sua inspiração na dor. O poema “Uma Lágrima” tratava de uma homenagem a uma prima e amiga Corina de Farias Ramos que faleceu neste período. “[...], era muito comum entre as mulheres do século passado escreverem poemas para outras mulheres. Dedicados àquelas que já haviam partido, deixando uma profunda saudade em seus corações”.¹³⁰

No século XIX funcionam, em certas tendências da literatura, elaboradas formas de sexualidade que ultrapassam a manifestação do sentimento amoroso. Nestas regiões, os literatos passeiam em busca do jardim do Éden à procura dos amores contrariados, sem esperança. A imagem do ser pretensamente amado é descrito em um conjunto de imagens, onde a sexualidade transborda em suaves palavras-gestos. Dessa maneira, o romance desenhou o modelo da mulher fácil, ingênua, espirituosa, gulosa por carícias da alcova, que traz consigo o dinamismo, o frescor e a sinceridade do amor romântico.

A bipolaridade feminina modela as figuras da volúpia que povoam o imaginário. Impõe um incessante vaivém da idealização à degradação; [...]. O código do amor romântico dita à mulher um angelicalismo do leito que hoje poderia fazer sorrir. O tabu que pesa sobre a manifestação do desejo feminino obriga a amante a simular a presa que não saberia ‘entregar-se’ sem que o vigor do assalto viesse ao menos justificar a ‘derrota’. Um corpo excessivamente e loquaz na volúpia impõe, após o êxtase’, as posturas redentoras da pureza. ¹³¹

Muitas vezes as poesias publicadas na imprensa vinham assinadas com o pseudônimo do autor. Talvez, o poeta querendo se resguardar de possíveis comentários da sociedade desterrense, escondia-se atrás de um nome fictício. Resguardando sua identidade, enquanto ser que insinua; mantinha a mulher amada protegida da “exposição” pública.

A prática do anonimato não foi só exercida através da literatura. Poder-se-ia dizer que o anonimato surgia na sociedade desterrense do século XIX como um código referencial para se criticar determinadas práticas de condutas e modos de vida que não mais pertenciam ao imaginário do cotidiano de uma elite em ascensão, atarefada em produzir outros afazeres para legitimar a arte de governo¹³² sobre a população da Ilha, num período em que os sujeitos surgem como um objeto a ser administrado pelo Estado, da mesma forma que as relações comerciais e a produção.

Precisar a entrada do romantismo na Província Catarinense, como ideia ideal e movimento, parece-nos tarefa improfícua. Poder-se-ia até dizer que o romantismo, com estas características, na Ilha de Santa Catarina, passou despercebido. Entretanto, como fenômeno estético ao que tudo indica, sua existência inicia-se na segunda metade do século XIX.

A maturação dos espíritos que um dia teria que vir, já se fazia debilmente notada. Na Assembleia Provincial, fúteis questiúnculas sobre os mais insignificantes assuntos, tais como fixação de local para instalarem feiras livres, davam lugar à discussão de problemas mais sérios de importância social mais ampla. Consta que alguns parlamentares liam Rousseau, Voltaire... ¹³³

O tom romântico fazia parte de novelas, poesias, artigos e crônicas veiculadas através da imprensa desterrense, denunciando práticas julgadas inaceitáveis pela elite ascendente local. E entre estas práticas, as correlacionadas com a afetividade feminina mereceu uma vigilância e um controle mais frequente nas páginas dos jornais. Era corriqueiro, no decorrer do século XIX, encontrar na imprensa local informações sobre os modos de comportamentos femininos nos espaços públicos e privados. Essas informações eram frequentes nos textos que prescreviam sobre o amor, fidelidade, sedução, asseio, moda, lazer, costumes e condutas sociais.

Na versão difundida pela literatura, o “amor romântico”, embora se projetasse como um amor volatizado, que o discurso médico higienista identificou como “delírio”, estabeleceu múltiplas interrelações com a intervenção médica sobre as famílias e as condutas afetivas, e em particular das afetividades femininas.

A partir de 16 de junho 1887, Horácio Nunes Pires publica em folhetim, através do “Jornal do Comércio”, o romance “D. João de Jaqueta”¹³⁴, sobre o qual o autor advertiu aos leitores que:

Os tipos que apresento ao público nunca existiram na freguesia onde se passa a ação da minha novela: os costumes sim, em quase sua totalidade. Na descrição deles não há o menor desaire para a localidade, cujos habitantes são bem conhecidos pelo seu caráter honesto e amor ao trabalho. O meu ‘D. João’ apresenta-se de jaqueta nova e calças por meia canela, pedindo a todos um olhar benigno e um sorriso de proteção. Ele é realmente o que parece ser: - modesto, humilde e inofensivo... inofensivo sobretudo.¹³⁵

O romance de Horácio Nunes inicia-se em 1877. Neste período, “O Brasil ainda é um país colonial, [...], quando aparecem os primeiros capítulos de D. João de Jaqueta”.¹³⁶ E o modo de ser e de agir era ditado pelos “[...] filhos de famílias abastadas do interior, de comerciantes e de profissionais liberais que definiam o modo de ser da classe dominante da época”.¹³⁷

Neste período em que Horácio Nunes escreve seu romance, a cidade de Nossa Senhora do Desterro passava por uma remodelação dos usos e costumes. A imprensa e a elite, em ascensão, operacionalizavam uma “verdadeira revolução” no espaço urbano e na remodelação das condutas afetivas da população. Os jornais publicavam posturas municipais regulamentando diversas práticas socializantes. Entre elas, a brincadeira

carnavalizante do entrudo e a festa do Divino Espírito Santo. A geografia urbana da cidade se remodelava seguindo os preceitos modernizantes apregoadas pela classe média local. Enfim, a Ilha de Santa Catarina iniciava lentamente, e num processo descontínuo, as transformações urbanas e afetivas veiculadas por um saber médico higienista oriundo da “modernidade” que caracterizava o século XIX.

O romance de Horácio Nunes possui como uma das tramas as conquistas amorosas de Rosalina, filha do famoso Major Anacleto da Trindade que era um “[...] homem rústico, falador e ambicioso de posições”.¹³⁸ Já sua filha, “[...] educara-se na capital e especializara-se na “ciência do namoro”, mas vivia no interior da Ilha”.¹³⁹

A jovem Rosalina era,

[...] uma interessante e espirituosa moça que se educara em um colégio da capital, donde levara para casa do pai bastante conhecimentos, inclusive a ciência do namoro, completamente desenvolvida. [...] realmente bonita com sua cor morena, com os seus olhos rasgados e negros, com os seus lábios carnudos e vermelhos, com o seu cabelo preto e vasto, com o seu narizinho divinamente modelado.¹⁴⁰

Sedutora, Rosalina envolvia seus admiradores num jogo lúdico e “Os rapazes da freguesia faziam-lhe roda e empregavam todos os meios imagináveis para serem por ela distinguidos”.¹⁴¹ Sediada por seus galantes, pois tinha conhecimento do desejo que despertava, Rosalina não sentia culpa pelo assédio. Pelo contrário, transferia a culpa para a própria condição amorosa, “[...] quem manda que todos, [...] gostem de mim”. Na sua trama, sabia ela que as artimanhas amorosas se faziam necessária pois, “É verdade que posso casar com um e gostar do outro... Tem-se visto tanto disso!”. Para ela a possibilidade do amor duplo era “[...] o único recurso, porque não seria de bom coração desgostar [...]” dos “[...] pobres rapazes que tanto me desejam...”.¹⁴²

Em busca do entendimento do jogo amoroso principiou “a cantar à meia voz”:

Deixamos as mágoas,
os prantos sentidos,
os lutos, as cismas,

tristonhas de dor;
gozemos da vida
os encantos queridos,
do mundo façamos
mil mundos de amor.
Sou bela! não mentem
os lisos espelhos,
as águas serenas
das fontes gentis...
adoro um namoro,
não quero conselhos...
anelo as venturas
dos gozos febris. ¹⁴³

Rosalina, “[...] vaidosa e fingida como todas as namoradeiras [...]”, tinha ciência e conhecimento dos jogos amorosos. E em particular, o jogo da sedução. O limite da jovem “namoradeira” era a própria possibilidade “[...] de avanços e recuos, de entregas parciais, um se dá se negando”.¹⁴⁴ No mundo feérico, lugar da magia feminina, o impossível não se realiza, pois ele é sempre o enunciado de outros acontecimentos.

Para a mulher não há impossíveis. Quando a mulher concebe um pensamento é inútil dizer-lhe: - “não irás avante” -, porque ela arrostará tudo, saltará por cima de tudo para realizar o seu pensamento. A palavra - impossível - foi inventada pelos homens para porem um paradeiro aos desejos da mulher... mas a mulher ri-se do frágil obstáculo e vai caminhando sempre...¹⁴⁵

E ao caminhar pelos jogos da sedução, Rosalina trava uma luta íntima diante das palavras cheias de ardis proferidas por um dos seus galantes. Ela balança, questiona e se envolve. Porém ela resiste às palavras e à entrega. Sua honra não entra no jogo da sedução. Cautelosa, sabia que sua reputação e honra corria perigo se concretizasse os desejos do seu galante. O temor da vergonha pelo juízo ético formulado pela opinião pública ressoa em seus pensamentos.

[...] se um dia se descobre aquilo que com tanto cuidado se ocultava?...O que fica sendo a mulher que se deixa seduzir por uma ilusão de momento, por uma miragem que sob a sua forma sedutora oculta a agonia da vergonha.¹⁴⁶

As palavras do seu galante eram fortes para o coração de Rosalina. Juca, o galante, não poupava palavras para enunciar seu sentimento.

E como tu és bela...Oh! minha rosa peregrina, desabrochada em plena primavera na ignorada e solitária devesa. Embora rasgando as vestes, embora dilacerando as carnes nos espinhos que te cercam, hei de colher-te, oh! rosa, para todos os dias aspirar os teus divinos odores, para a todas as horas gozar os teus doces encantos, [...], as tuas pétalas perfumadas!... És bela, és bela como os anjos, e eu te amo com todo o fogo da mocidade, com todo o ador dos vinte e cinco anos!...[...], os teus lábios são duas rosas purpurinas que se abrem aos beijos da aurora, embalsamando o ambiente com os seus odores celestiais, o teu sorriso prende-me, cativa-me, subjuga-me, mata-me; [...]. Quando eu te contemplo, como agora, sinto incendiar-me o coração e a alma a chama ardente de um amor louco, enorme, infinito, [...]. E tu és bela, és bela como as rosas e bela como os anjos!¹⁴⁷

Diante das insinuações amorosas do seu galante e dando-se conta de que ele não a desejava para torná-la sua esposa e sim para amante e vendo o perigo que corria diante dos acontecimentos, Rosalina “Pálida, trêmula, com os olhos faiscantes e as feições contraídas” e num esforço para salvar sua honra e reputação, ela lhe traduz todo o significado da corte que ele lhe fazia.

Ah! compreendo agora!... - exclamou ela, depois de obriga-lo a curvar a cabeça ante o seu olhar que despendia raios. O senhor queria seduzir-me... queria perder-me... queria colocar-me a par dessas desgraçadas que se revolvem na lama da vergonha, vencidas pela sedução, [...]. Estás enganado senhor!...Eu serei uma mulher inconstante, volúvel, caprichosa... mas nunca serei uma mulher infame!¹⁴⁸

Rosalina não se deixou “engambelar” pelas palavras sedutoras do seu galante. Poderia se tornar “caprichosa e volúvel”, mas nunca uma mulher “infame”. Sua honra e reputação se encontravam acima das leviandades inerentes aos jogos da sedução. “Que anjo foi esse, que revelou por aquela

honra, que, deslumbrada pela vertigem do descontentamento, resvalava à beira de um abismo sem fundo”? ¹⁴⁹

Segundo Nunes,

Que mulher, com o espírito acanhado, ignorante, não se teria deixado arrastar por aquelas palavras cintilantes como pérolas, suaves como um perfume e que suspiravam tão doces como as notas lânguidas e harmoniosas de uma canção de melancólicas saudades. ¹⁵⁰

Horácio Nunes em “D. João de Jaqueta” não traça só um perfil dos usos e costumes da cidade e do campo (interior da ILHA). Traz até nós a “delicada situação da mulher na sociedade patriarcal do II Império” vista e pensada a partir do olhar romântico que perpassava por toda a sociedade brasileira no século XIX.

Nunes constrói e apresenta a conduta afetiva de Rosalina a partir de um conjunto de contradições: que vai desde educação e ignorância, passando pela ingenuidade rústica e modelação da conduta, e apresentando através dos costumes Ilhéus a diferenciação do mundo urbano-rural. E por fim, trazendo à superfície a condição da mulher inserida na família “patriarcal”. Ora na condição de mulher sujeito, ora na de mulher objeto.

A jovem Rosalina escapa destas contradições pela educação que recebeu, e a partir da pluralidade pedagógica consegue locomover-se com desenvoltura no interior dessas contradições. Pluralidade esta, que lhe permitia atravessar o mundo amoroso sem se tornar leviana.

Rosalina é o ‘eterno feminino’ que não toma a iniciativa amorosa ostensivamente; deixa-se conquistar, dissimulando em objeto sua condição de sujeito da escolha amorosa. A contradição é visível. Horácio Nunes leva até o limite a situação de Rosalina: não fosse sua instrução (elogio à escola pública) e sua inteligência, deixar-se-ia engambelar pelas palavras sedutoras de Juca. Não fosse sua educação, facilmente se tornaria prostituta. Sem tocar diretamente no assunto, a dicotomia romântica virgem\prostituta traz à tona os parâmetros da mulher na sociedade patriarcal. Horácio Nunes coloca sua personagem numa situação perigosa e extrema, mas isto não impede que Rosalina, apesar do seu jogo e dissimulação, preencha o papel de legitimadora da ascensão social do homem e da manutenção da sociedade de classes. ¹⁵¹

Rosalina, personagem criada a partir do imaginário feminino de Horácio Nunes, portanto, construída através do olhar masculino, encontra na fala literária espaço para sua visibilidade. E é de dentro desta visibilidade feminina que podemos ouvir a voz de Rosalina. Mulher que se elabora e se revela no jogo amoroso, mas sem perder a noção de sua condição de mulher na sociedade patriarcal do II Império, onde a honra e reputação pertencia ao domínio público.

A clivagem das condutas, operacionalizada na Ilha de Santa Catarina no transcurso do século XIX, repassa por uma pluralidade de acontecimentos. Neste período, a cidade de Nossa Senhora do Desterro, com o patrocínio de determinados setores sociais, questiona determinadas práticas de sociabilidade, fatos e desejos.

Retrato de costumes, o romance ‘D. João de Jaqueta’, de Horácio Nunes, não deixa de espelhar a sociedade desterrense do século XIX. Sociedade que passava por uma clivagem das condutas e remodelação do seu espaço urbano com a introdução de novos agentes sociais no cotidiano da população. Nunes, portanto, não se encontrava imune aos acontecimentos de transformações na Ilha de Santa Catarina. Pelo contrário, ocupando alguns cargos administrativos na Capital da Província, o autor era partícipe destas transformações.

Nesta perspectiva, Rosalina pertence ao imaginário feminino da Ilha de Santa Catarina e é apresentada ao público como conhecedora da arte do namoro. Rosalina, a namoradeira, a sedutora dos “lábios carnudos e vermelhos”, de “cor morena”, e “olhos rasgados e negros”, está inserida no cotidiano da visibilidade feminina. É o próprio autor do romance ‘D. João de Jaqueta’ que alerta aos seus leitores que “Os tipos que apresento ao público nunca existiram na freguesia onde se passa a ação da minha novela: os costumes sim, em quase sua totalidade”.¹⁵²

Alguns viajantes, que visitam a Ilha nos séculos XVIII e XIX, também registraram em seus relatos que as mulheres eram sedutoras e dadas a passeios clandestinos pelos campos.

Seria a arte do namoro por parte das mulheres na cidade de Nossa Senhora do Desterro um costume corriqueiro? O que se passava no imaginário dos viajantes e de Horácio Nunes para que estes constituíssem uma prática afetiva

feminina em Desterro? Narrador e objeto narrado não estariam neste caso interligados por acontecimentos que naquele momento vivido pertenciam ao cotidiano da população ao qual estavam inseridos? Uma população, conforme demonstra a historiografia, de intensa sociabilidade cotidiana.

Neste emaranhado de falas é tentador falar na existência de uma mulher sedutora no decorrer do século XIX, na Ilha de Santa Catarina. Porém como identificar a mulher real da mulher imaginária? Principalmente quando o imaginário social,

[...] constrói a antimulher (ou se trata da verdadeira natureza feminina que se revela quando deixada sem a tutela do homem?): fonte do pecado, ardilosa, propiciadora da perdição, incapaz de guardar segredo, mentirosa, inspiradora de crimes... ¹⁵³

Neste sentido, esta mulher imaginária vem,

[...] por sua vez, expressa em artigos de jornal que louvam o estereótipo desejado do feminino ou execram o seu oposto, encarnando na figura debochada da prostituta, destruidora de lares, desencaminhadora da juventude. A mulher ideal se corporifica nas representações icnográficas de cartazes e litografias, quadros e esculturas, ocupa espaço nas obras literárias e poéticas e se insere no processo educacional, como tema de textos morais. ¹⁵⁴

Nosso objetivo, neste capítulo, não é inferir uma verdade para a pluralidade de leituras possíveis diante dos documentos analisados, e sim trazer à superfície investigações que possibilitem verificar falas que registraram, no passado, determinadas práticas sociais da população, em particular dos modos de vida das mulheres da Ilha de Santa Catarina, no transcurso do século XIX.

A minha primeira ideia foi de casar com ela. Amava-a e julguei um momento que ela me amasse também. Mas depois que a conheci mais, depois que compreendi a sua leviandade, as suas perfídias, o seu gênio inconstante, sufoquei meu amor nascente, e olhei para ela como para um passatempo, um brinco, um objeto de luxo, mas não como para uma mulher digna de ser amada... A loureira, como todas as loureiras, há de pagar, por onde pecou:

quer a todos, mas ficará reduzida a um só, e esse mesmo o pior de todos, se não morrer solteirona... Enfim... desfrutemos enquanto pudermos, e depois. 155

CONCLUSÃO

*Os homens, como as flores,
voltam-se para onde o sol nasce!*

Walter Benjamin

É possível concluir o inconcluso? Afinal no jogo da sedução quem seduz quem?

Nas cenas narradas por uma pluralidade de falas, as fontes se mostraram durante as escavações como territórios cheios de ardis.

Assim se revelaram as narrativas dos viajantes, os jornais e a produção literária desterrense neste período, cheias de desejos lúdicos que afloravam em cada novo olhar.

Paixão temática versus paixão literária-histórica. Intenso combate. Estratégias reformuladas ao longo do percurso.

Entre o trágico e o cômico a leitura que seduz e embriaga e revela o inusitado das entrelinhas documentais. Afinal, quem narra, narra com o florescer do seu imaginário.

No decorrer do século XIX, a cidade de Nossa Senhora do Desterro passou de forma gradativa por mudanças urbanas e de modos de sociabilidades. O crescimento populacional, a diversificação de suas atividades urbanas, juntamente com a complexidade de sua estrutura sócio-econômica-política transformavam a cidade.

A cidade iria configurar a imagem reduzida do problemático microcosmo social; presença assustadora e ao mesmo tempo fascinante por sua variedade e por tornar acessível um recorte em algo inabarcável. O medo e o fascínio orientam uma atitude exploratória que fará da cidade um observatório extenso, mas com limites delineados. [...], terra incógnita. ¹⁵⁶

No meio deste murmurar do dia-a-dia, a cidade aguçada via seus contornos serem modelados.

Cidade e sujeitos eram expostos diante de suas práticas. Falas emergiam pela superfície dos objetos revelando outras formas e sentidos.

A mulher boa, meiga mas ignorante, pode - ainda assim - tornar o lar doméstico um asilo casto, uma enseada tranquila. A mulher doce, carinhosa, mas instruída, de talento, com a dupla chamada imaterial do amor e da inteligência a flamejar-lhe no coração e no cérebro, essa tornará o recinto da família prestigioso como um templo invencível como as mais roqueiras cidadelas. ¹⁵⁷

A história dos objetos, história dos sujeitos se misturam nas metáforas onde verdades traçam a cartografia da incipiente elite de Nossa Senhora do Desterro.

Na Ilha, o sábio pescador tem no olhar o momento-único para perceber na ondulação do mar a passagem do cardume. Tal como o pescador, onde reside a paciência em decernir a falsa mancha de peixe da mancha dos movimentos dos peixes, o pesquisador ao alargar sua sensibilidade com argúcia, amplia seu dançar nômade em busca da melhor escavação nas entrelinhas de um corpo documental, e ao identificar objetos revela outros campos de tensões até então adormecidos.

E dentre estes, a imagem da mulher sedutora que os viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha no decorrer dos séculos XVIII e primeira metade do XIX, construíram da mulher de Desterro.

Ao reincidirem em imagens que induz seus leitores a construírem a mulher sedutora que adorava receber presentes e gostava de passeios clandestinos, os viajantes em uma leitura subjacente deixam emergir a superfície que em nenhum momento de suas narrativas tentam compreender qual juízo ético fundamentava as práticas afetivas das mulheres da comunidade em que se encontravam. Ao omitirem uma leitura que levasse seus leitores ao entendimento do que acontecia nesta região, os viajantes provocavam a imaginação do leitor, para que este elabore a mulher da Ilha de Santa Catarina.

Avaliando as condutas das mulheres, a partir de princípios morais pretensamente universais, as narrativas refletem esses valores, que eram destinados a leitores que pertenciam ao mesmo universo cultural dos viajantes. Se não tivermos isto em conta, incorremos no mesmo erro deles, de não perceber outras leituras capazes de revelar os princípios éticos subjacentes às práticas sociais das mulheres das regiões que visitavam.

Outro campo de tensões a emergir no cotidiano da população da Ilha de Santa Catarina, refere-se a reordenação urbana e as novas práticas de sociabilidade colocadas pela elite local. Através da imprensa operacionalizava-se a clivagens das condutas. Esta inserida no contexto da pedagogia dos comportamentos difundida neste período pelo discurso médico-higienista.

E por fim, a pesquisa revela o cotidiano das mulheres sedutoras da cidade de Nossa Senhora do Desterro na visão da literatura da Ilha.

Diante desse emaranhado de falas, em tempos que se diferenciam pela exposição dos objetos, fica sedutor positivar a veracidade dos fatos imediatos. Haveria uma Prática Afetiva Feminina em Nossa Senhora do Desterro no século XIX? Pergunta que diante das fontes analisadas merece por parte do pesquisador uma equidistância das paixões imediatas.

Algumas observações merecem uma atenção. O que seria fruto da imaginação dos viajantes diante das práticas de sociabilidade feminina nesta região e o que realmente acontecia. Seriam as mulheres partícipes destes acontecimentos narrados? Ou estariam os viajantes julgando os modos femininos a partir de valores éticos provenientes de outras vivências culturais? A elite local ao patrocinar a clivagem de condutas femininas reafirmava o que os viajantes estrangeiros registraram a respeito das mulheres ou estariam apenas atendendo interesse imediatos de modernidade diante de uma nova prática de sociabilidade? Estaria a literatura ilhoa a reconstruir os fazeres de sedução feminina ou esta acompanhava o movimento literário da época que na maioria das vezes colocava a mulher ora como anjo ora como Maria Madalena.

Afirmar a existência de uma mulher sedutora, como demonstra a documentação trabalhada, é, pelo menos, temerária, na medida em que tal afirmação impossibilita a percepção dos movimentos de superfície e a metamorfose dos objetos que compõe aquele momento vivido pelos habitantes da Ilha de Santa Catarina.

Nesse estudo, tentamos penetrar nesse conjunto variado de falas, buscando perceber como se articularam alguns saberes sobre os modos das mulheres da Ilha de Santa Catarina.

[...] o papel atribuído à mulher na família, a ideia de uma felicidade social segundo a natureza estão datados demais dos inícios da dominação burguesa, ou dos iluminismos do século 18, para que passem por nós impunemente. ¹⁵⁸

REFERÊNCIAS

APPEL, Carlos Jorge. "D. João de Jaqueta, um elogio à inteligência". In: PIRES, Horácio Nunes. *D. João de Jaqueta: cenas da roça*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

BRITO, Paulo José de. Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina. Florianópolis: Livraria Central, 1932.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro: memória II*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FOUCAULT, Michel. "A governabilidade". In: MACHADO, Roberto. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

KOTZEBUE, Otto von. "Yoyage of Discovery in the South Sea, and to Behring's Straits..." London: Printed for Sir R. Phillips and Co.. 1821. Tradução de Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984.

LANGSDORFF, G. H. von. "Bermerkungen auf einer Reise die Welt in den Jhren 1805 bis 1807" Frankfurt am Main, 1812, in Verlag bei friedrich Wilmans. Tradução de Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos*

XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984.

O ARGOS. Santa Catarina: 8 mar. 1861. Acervo da Biblioteca Pública/SC.

O MERCANTIL. Santa Catarina: 3 jun. 1866. Acervo da Biblioteca Pública/SC.

O MOSQUITO. Santa Catarina: 18 nov. 1886. Acervo da Biblioteca Pública/SC.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mulheres e história: A inserção da Mulher no contexto cultural de uma região fronteiriça (Rio Grande do Sul). *Mulheres-Século XIX*, Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, Editora da UFSC, n. 23, 1992.

PIRES, Horácio Nunes. *D. João de Jaqueta: cenas da roça*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

SACHET, Celestino. *A literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pela Província de Curitiba e Santa Catarina*. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos; DANTAS, Marluce Oliveira Raposo. A temática dos poemas femininos no recife no século XIX. *Mulheres-Século XIX*, Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, Editora da UFSC, n. 23, 1992.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezanove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VICENT_BUFFAUT, Nane. *História das lágrimas: séculos XVIII e XIX*. Tradução Luiz Marques e Marta Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

)

A esse respeito ver, SAMARA, Eni de Mesquita. As mulheres, o poder e a família. São Paulo: Marco Zero, 1989; DIAS, Maria Odila da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984; ENGEL, Magali. Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989; LIMA, Lana Lage da Gama (Org.). Mulheres adúlteros e padres: história e moral na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987. ↵

) Ibid. ↵

) ENZENSBERGER, Hans Magnus. O curto verão da anarquia, citado na folha Ilustrada, suplemento da *Folha São Paulo*, p. A-29, 9 maio 1987. ↵

)

ALMEIDA, João Ribeiro. Ensaio sobre a salubridade, estatística, e patologia da Ilha de Santa Catarina e em Particular da Cidade de Desterro. In: A., Carneiro (Org.). *Enciclopédia de Santa Catarina*. Desterro: Typ. J. J. Lopes, 1864. p. 47. Acervo do Setor de obras raras da Universidade Federal de Santa Catarina. ↵

)

LANGSDORFF, G. H. Von. "Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in dean Jahren 1805 bis 1807". Trad. de Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 163. ↵

)

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 1, p. 275-276. ↵

)
Jornal O DESPERTADOR , 30 maio 1868. ↵

)

DOM PERNETTY, Antoine. "Histoire d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763 - 1764...". Trad. de Carmen Lucia Cruz. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 83. ↵

)

BRITO, Paulo Miguel de. *Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Florianópolis: Livraria Central, 1932. p. 74.

4

0)

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. p. 173-174. ↵

1)
Ibid., p. 173-174. ↵

2)
Ibid., p. 183. ↵

3)

MAWE, John. "Travels in the Interior of Brasil". Trad. de Solena Benevides Viana. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 190. ↵

4)

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 92. ↵

5)

Apud SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de Casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984. p. 197-8. ↵

6)

DIBIE, Pascal. *O quarto de dormir*: um estudo etnológico.
Trad. de Paulo Azevedo Neves da Silva. Rio de Janeiro:
Globo, 1988. p. 77. ↵

7)
SAINT-HILAIRE, 1979, p. 174. ↵

8)
Ibid., p. 175. ↵

9)

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 14. ↵

0)

Apud RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 53.

↵

1)

Apud CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v. 2, p. 291. ↵

2)

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 42-3.

↵

3)
LANGSDORFF, 1984, p. 163. ↵

4)
Ibid., p. 163. ↵

5)

KOTZEBUE, Otto von. "Voyage of Discovery in the South Sea and to Behring's Straits...", Trad. Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 228. ↵

6)

DUPERREY, Louis Isidore. "Voyage autour du monde...". Trad. Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 258-64.

↵

7)
Ibid., p. 258. ↵

8)

LESSON, René Primevère. “Voyage autour Du Monde”. Trad. de Gilberto Gerlach. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 267. ↵

9)

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1850)*. Tradução Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980. p. 20. ↵

0)
Ibid., p. 69. ↵

1)
DOM PERNETTY, 1984, p. 78. ↵

2)

PORTER, David. "Giornale di una Crociera Fatta Nell'Oceano Pacifico...". Trad. Inácio Dell Antônio. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 291. ↵

3)

LESSON, 1984, p. 267. ↵

4)

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de Casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1984. p. 223. ↵

5)

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 122. ↵

6)

Apud SILVA, 1984, p. 210. ↵

7)
Ibid., p. 210. ↵

8)

Jornal O CONSERVADOR, 13 maio 1855. [↵](#)

9)
Ibid. ↵

0)

LESSON, 1984, p. 267. ㄷ

1)
Ibid., p. 268. ↵

2)

Apud DIBIE, 1988, p. 77. ↵

3)
SAMARA, 1983, p. 120. ↵

4)

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Trad. Bertholdo Klinger. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. p. 241. ↵

5)
Ibid., p. 261. ↵

6)
Ibid., p. 72. ↵

7)

TRACHSLER, Heinrich. "Reisen Schicksale und Tragikomische Abenteuer eines Schweizers...". Trad. de. Pe. Roberto Hyrobeck. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984, p. 324. ↵

8)
Ibid., p. 325-326. ↵

9)
TRACHSLER, 1984, p. 326. ↵

0)
TRACHSLER, 1984, p. 328-329. ↵

1)
TRACHSLER, 1984, p. 326. ↵

2)

CABRAL, Oswaldo R. Os Açorianos. *Anais do Primeiro Congresso de História de Santa Catarina*, Florianópolis, Imprensa Oficial, v. 2, p. 513, 1950. ↵

3)
CABRAL, 1950, p. 521-523. ↵

4)
CABRAL, 1950, p. 577-578. ↵

5)
JORNAL O MOSQUITO. Santa Catarina: 6 jan. 1889. 4

6)

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.11.

↵

7)

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro, notícia I*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 183. ↵

8)

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2. ed.
Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 12. ↵

9)

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Tradução Isabel St. Aubyn. Lisboa: Fragmentos, 1988. p. 10.

↵

0)
COSTA, 1983, p. 12. ↵

1)

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens a Curitiba e Santa Catarina*. Tradução Regina Regis de Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 167. ↵

2)

CABRAL, 1979, p. 242. ↵

3)
JORNAL O ARGOS. Santa Catarina: 1 jan. 1886. ↵

4)

JORNAL O MERCANTIL. Santa Catarina: 13 jul. 1862. ↵

5)
CABRAL, 1979, p. 77;80;128;458. ↵

6)
Ibid., p. 245. ↵

7)

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 191. ↵

8)

MAWE, John. "Travels in the Interior of Brasil". Tradução de Solena Benevides Viana. Editora Zélio Valverde, 1944. [Edição original! London 1822]. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina*: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984, p.193. ↵

9)

DOM PERNETTY, Antoine. "Histoire d'un Voyage aux Isles Malouines, fait em 1763-1764...". Paris, chez Saillant Nyon, Delalain, 1770. Tradução de Carmen Lucia Cruz Lima. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina*; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX; 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 86. ↵

0)

GOLOVNIN, Vassili Mihailovitch. Tradução do Conde Emanuel de Bennigsen, São Paulo, 1951. In: BERGER, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa, 1984. p. 205.

↵

1)

ALMEIDA, João Ribeiro de. Ensaio sobre a salubridade, estatística e patologia da Ilha de Santa Catarina e em particular da Cidade de Desterro. Desterro: Typ. J. J. Lopes, 1864 apud CARNEIRO, A. *Enciclopédia de Santa Catarina*. Santa Catarina: [s.n., s.d.]. v. 13, p. 45-46. (Cópia datilografada - setor de Santa Catarina/Biblioteca Central da UFSC). 4

2)
Ibid., p. 45. ↵

3)
CORREIO CATARINENSE. Santa Catarina: 7 jun. 1854. ↵

4)

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: memória
II. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 269. ↵

5)
Ibid., p. 260. ↵

6)
Ibid., p. 260. ↵

7)

CORBIN, Alain, A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 503.

↵

8)

Jornal O MOSQUITO. Santa Catarina: 7 fev. 1889. [↵](#)

9)

Jornal O ARGOS. Santa Catarina: 18 fev. 1856. [↵](#)

0)

D'INCAO, Maria Angela. "Amor romântico e família burguesa". In: _____. (Org.). Amor e família no Brasil. São Paulo: Contexto, 1989. p. 61. ↵

1)
Ibid., p. 61. ↵

2)

Jornal O MENSAGEIRO. 22 set. 1855. ↵

3)
Apud COSTA, 1983, p. 230. ↵

4)
Ibid. p. 63. ↵

5)
Ibid. p. 230. ↵

6)

Jornal O ARGOS. Santa Catarina: 8 jan. 1858. ↵

7)

Jornal O COMERCIAL. Santa Catarina: 23 maio 1858. [↵](#)

8)

Jornal O MOSQUITO. Santa Catarina: 18 nov. 188. ↵

9)

Jornal O CORREIO CATARINENSE. Santa Catarina: 13 abr.
1853. ↵

0)

Jornal O ARGOS. Santa Catarina: 28 abr. 1858. [↵](#)

1)

Jornal O ARGOS. Santa Catarina: 31 jul. 1861. ↵

2)

Jornal O ARGOS. Santa Catarina: 26 abr. 1861. [↵](#)

3)

Jornal O MOSQUITO. Santa Catarina: 16 jan. 1889. [↵](#)

4)

Jornal O COMERCIAL. Santa Catarina: 15 jan. 1868. ↵

5)
COSTA, 1983, p. 64.
↓

6)

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro: memória II*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 91. ↵

7)
Ibidem, p. 91. ↵

8)

A proposta da criação de um Gabinete de Leitura surgiu na Sociedade Patriótica, fundada no Desterro, em 1831. Em dezembro, Diogo Duarte Silva, o ex-poeta de 1816 e, agora, deputado à Assembleia Geral, propõe que o Gabinete se transforme em Biblioteca aberta ao público para a qual doa, no ano seguinte, cerca de 800 livros de sua propriedade (SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis, Lunardelli, 1985. p. 28). ↵

9)
Ver CABRAL, 1979. ↵

00)

Jornal O MOSQUITO. Santa Catarina: 18 nov. 1886. ↵

01)

BRITO, Paulo José de. *Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Florianópolis: Livraria Central, 1932. p. 74. ↵

02)

LANGSDORFF, G. H. von. "Bermerkungen auf einer Reise die Welt in den Jhren 1805 bis 1807." Frankfurt am Main, 1812, in Verlag bei friedrich Wilmans. Tradução de Dolores R. Simões de Almeida. In: BERGER, Paulo (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC \ Assembleia Legislativa, 1984. p. 163. ↵

03)

KOTZEBUE, Otto von. "Yoyage of Discovery in the South Sea, and to Behring's Straits..." London: Printed for Sir R. Phillips and Co... 1821. Tradução de Martim Afonso Palma de Haro. In: BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC \ Assembleia Legislativa, 1984. p. 163. ↵

04)

CABRAL, 1979, p. 66. ↵

05)

Ibid., p. 24. ↵

06)

Ibid., p. 24. ↵

07)

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pela província de Curitiba e Santa Catarina*. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 174. ↵

08)

Apud CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*:
notícia I. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 336. ↵

09)

Apud CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: memória II*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 37. ↵

10)

Ibid., p. 37. ↵

11)

Ibid., p. 17. ↵

12)

Ibid., p. 166. ↵

13)

CF. VICENT_BUFFAUT, Nane. *História das lágrimas: séculos XVIII e XIX*. Tradução Luiz Marques e Marta Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 91. ↵

14)

Ibid., p. 95. ↵

15)

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: memória*
II. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 169. ↵

16)

Ibid., p. 169. ↵

17)

Jornal O ARGOS. Santa Catarina: 8 mar. 1861. ↵

18)

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: memória*
II. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 77. ↵

19)

Ibid., p. 25-26. ↵

20)

Ibid., p. 19. ↵

21)

CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 518.

↵

22)

Ibid., p. 519. ↵

23)

Ibid., p. 522. ↵

24)

Ibid., p. 522. ↵

25)

Ibid., p. 524-525. ↵

26)

Ibid., p. 529. ↵

27)

Ibid., p. 546. ↵

28)

Ibid., p. 120. ↵

29)

Jornal O MERCANTIL. Santa Catarina: 3 jun. 1866. ↵

30)

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos; DANTAS, Marluce Oliveira Raposo. A Temática dos poemas femininos no recife no século XIX. *Mulheres-Século XIX*, Revista do curso de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, Editora da UFSC, n. 23, p.256, 1992. ↵

31)

CORBIN, 1991, p. 530. ↵

32)

FOUCAULT, Michel. "A governabilidade". In: _____.
Microfísica do poder. Tradução e organização Roberto
Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 287. ↵

33)

CORBIN, 1991, p. 45. ↵

34)

PIRES, Horácio Nunes. D. *João de Jaqueta: cenas da roça*.
Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional
Pró-Memória, 1984. ↵

35)

Ibid., p. 24. ↵

36)

APPEL, Carlos Jorge, "D. João de Jaqueta, um elogio à inteligência". In: PIRES, Horácio Nunes. D. *João de Jaqueta: cenas da roça*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. p. 10. ↵

37)

Ibid., p. 10. ↵

38)

PIRES, 1984, p. 25. ↵

39)

Ibid., p. 11. ↵

40)

Ibid., p. 26; 36; 7. ↵

41)

Ibid., p. 26. ↵

42)

Ibid., p. 37. ↵

43)

Ibid., p. 37-38. ↵

44)

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 92. ↵

45)

PIRES, 1984, p. 43. ↵

46)

Ibid., p. 90. ↵

47)

Ibid., p. 73-74. ↵

48)

Ibid., p. 91. ↵

49)

Ibid., p. 92-93. ↵

50)

Ibid., p. 93. ↵

51)

APPEL, 1984, p. 14. ↵

52)

PIRES, 1984, p. 24. ↵

53)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mulheres e história: a inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteiriça (Rio Grande do Sul). *Mulheres-Século XIX*, Revista do curso de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, Editora da UFSC, n. 23, p. 57, 1992. ↵

54)

Ibid., p. 57. ↵

55)

PIRES, 1984, p. 75. ↵

56)

BRESCIANI, M. S. M.. "Metrópoles: As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 5, n. 8/9, p. 60, set. 1984/abr. 1985. ↵

57)
JORNAL DO COMÉRCIO, 28 out. 1882.

4

58)

RIBEIRO, Renato Janine. A educação do amor: Goethe criou o mais perfeito "romance de formação" europeu. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 out. 1994. Mais!, sexto caderno, p. 7. ↵